

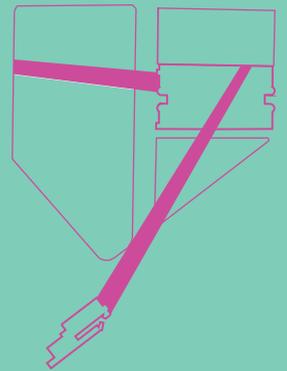
Intervenção

Entrequadras:
De fluxos à permanências

71

tc

cadernos de
Arquitetura e Urbanismo • UniEVANGÉLICA



Cadernos de TC 2019-2

Expediente

Direção do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Corpo Editorial

Alexandre Ribeiro Gonçalves, Dr. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Simone Buiati, M. arq.

Coordenação de TCC

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Orientadores de TCC

Ana Amélia de Paula Moura.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Manoel Balbino de Carvalho Neto.

Detalhamento de Maquete

Volney Rogerio de Lima, E. arq.

Seminário de Tecnologia

Daniel da Silva Andrade, Dr. arq.

Jorge Villavisencio Ordóñez, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Seminário de Teoria e Crítica

Ana Amélia de Paula Moura, M. arq.

Maíra Teixeira Pereira, Dr. arq.

Pedro Henrique Máximo, M. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Expressão Gráfica

Madalena Bezerra de Souza, E. arq.

Rodrigo Santana Alves, M. arq.

Anderson Ferreira de Sousa M. arq.

Secretária do Curso

Edima Campos Ribeiro de Oliveira

(62)3310-6754

Apresentação

Este volume faz parte da quinta coleção da revista Cadernos de TC. Uma experiência recente que traz, neste semestre 2018/2, uma versão mais amadurecida dos experimentos nos Ateliês de Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (I, II e III) e demais disciplinas, que acontecem nos últimos três semestres do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA).

Neste volume, como uma síntese que é, encontram-se experiências pedagógicas que ocorrem, no mínimo, em duas instâncias, sendo a primeira, aquela que faz parte da própria estrutura dos Ateliês, objetivando estabelecer uma metodologia clara de projeção, tanto nas mais variadas escalas do urbano, quanto do edifício; e a segunda, que visa estabelecer uma interdisciplinaridade clara com disciplinas que ocorrem ao longo dos três semestres.

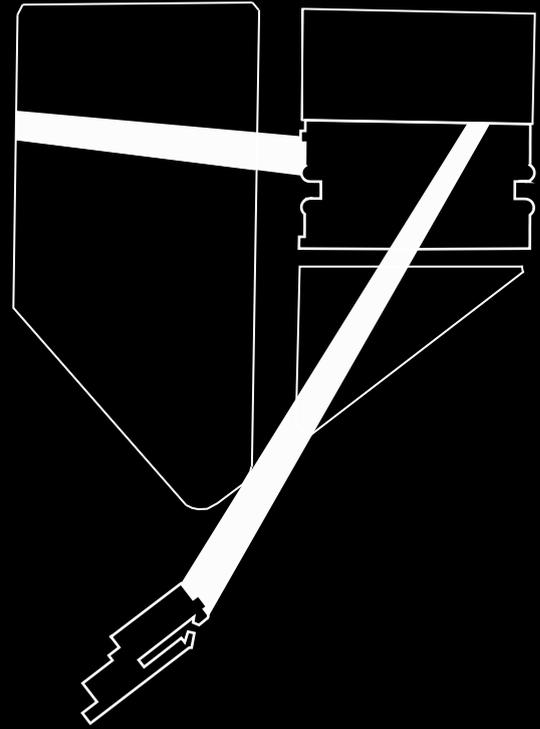
Os procedimentos metodológicos procuraram evidenciar, por meio do processo, sete elementos vinculados às respostas dadas às demandas da cidade contemporânea: LUGAR, FORMA, PROGRAMA, CIRCULAÇÃO, ESTRUTURA, MATÉRIA e ESPAÇO. No processo, rico em discussões teóricas e projetuais, trabalhou-se tais elementos como layers, o que possibilitou, para cada projeto, um aprimoramento e compreensão do ato de projetar. Para atingir tal objetivo, dois recursos contemporâneos de projeto foram exaustivamente trabalhados. O diagrama gráfico como síntese da proposta projetual e proposição dos elementos acima citados, e a maquete diagramática, cuja ênfase permitiu a averiguação das intenções de projeto, a fim de atribuir sentido, tanto ao processo, quanto ao produto final.

A preocupação com a cidade ou rede de cidades, em primeiro plano, reorientou as estratégias projetuais. Tal postura parte de uma compreensão de que a apreensão das escalas e sua problematização constante estabelece o projeto de arquitetura e urbanismo como uma manifestação concreta da crítica às realidades encontradas.

Já a segunda instância, diz respeito à interdisciplinaridade do Ateliê Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo com as disciplinas que contribuíram para que estes resultados fossem alcançados. Como este Ateliê faz parte do tronco estruturante do curso de projeto, a equipe do Ateliê orientou toda a articulação e relações com outras quatro disciplinas que deram suporte às discussões: Seminários de Teoria e Crítica, Seminários de Tecnologia, Expressão Gráfica e Detalhamento de Maquete.

Por fim e além do mais, como síntese, este volume representa um trabalho conjunto de todos os professores do curso de Arquitetura e Urbanismo, que contribuíram ao longo da formação destes alunos, aqui apresentados em seus projetos de TC. Esta revista, que também é uma maneira de representação e apresentação contemporânea de projetos, intitulada Cadernos de TC, visa, por meio da exposição de partes importantes do processo, pô-lo em discussão para aprimoramento e enriquecimento do método proposto e dos alunos que serão por vocês avaliados.

Maíra Teixeira Pereira, Dr. arq.
Rodrigo Santana Alves, M. arq.
Simone Buiate Brandão, M. arq.



Entrequadras: De fluxos à permanências

Os centros passam por um processo contraditório de integração e refuncionalização de seu patrimônio nas novas dinâmicas e relações contemporâneas que comporta. O centro de Anápolis atravessa uma fase de degradação tanto patrimonial quanto morfológica. Se expressa em transitoriedade e segregação.

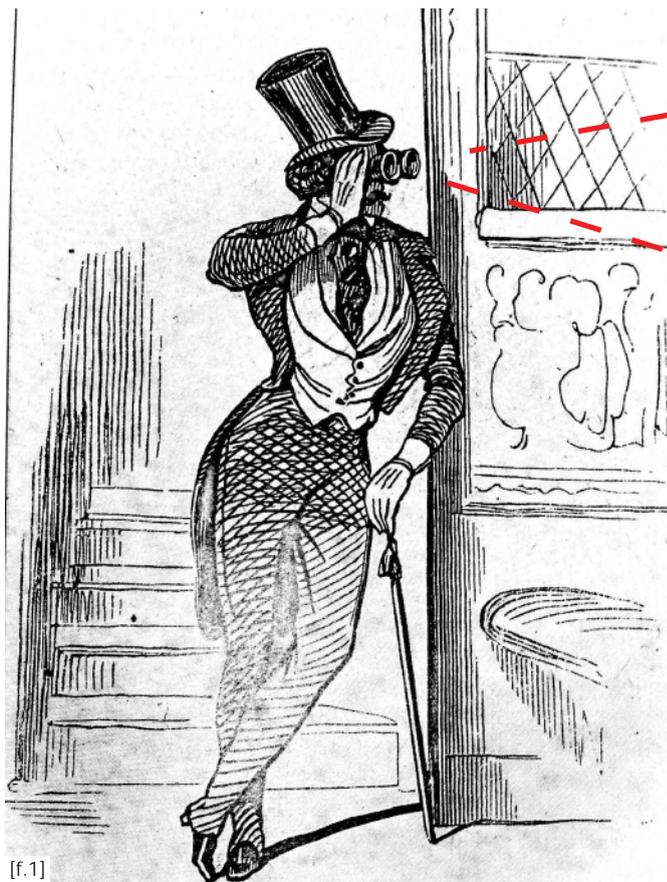
Em meio à essa geografia transitória, o projeto parte de uma micronarrativa, uma afirmação da sobrevivência da flanância. Conecta espaços de passagem aos de memória, permeando o centro usando de seu próprio movimento. Parte-se de lugares que fizeram parte da construção econômica e social de Anápolis, interconectando ruas, o Mercado Municipal e a Estação Ferroviária. Continuidades urbanas e possibilidades de se locomover são estabelecidas, retomando à escala do pedestre e criando novas dinâmicas ao patrimônio.



Gabriel Ribeiro Couto

Orientadora: Ana Amélia de Paula Moura
arq.gabrielribeiro@gmail.com
@coutogabriel

INTRO DUÇÃO



[f.1]

LEGENDAS:
[f.1] Fléuner observando.
Fonte: Louis Huart:
Physiologie du flaneur
(1841).

“As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes. Para esse ser coletivo, as tabuletas das firmas, brilhantes e esmaltadas, constituem decoração mural tão boa ou melhor que o quadro a óleo no salão burguês; os muros com ‘défense d’afficher’ (proibido colocar cartazes) são sua escrivaninha, as bancas de jornal, seus móveis do quarto de dormir, e o terraço do café. A sacada de onde observa o ambiente. O gradil, onde os operários do asfalto penduram a jaqueta, isso é o vestibulo, e o portão que, na linha dos pátios, leva ao ar livre, o longo corredor que assusta o burguês, é para ele o acesso aos aposentos da cidade. A galeria é o seu salão. Nela, mais do que em qualquer outro lugar, a rua se dá a conhecer como o interior mobiliado e habitado pelas massas. Se, no começo, as ruas se transformavam para ele em interiores, agora são esses interiores que se transformam nas ruas, e, através do labirinto das mercadorias, ele vagueia como outrora através do labirinto urbano”

Benjamin, Walter (1989).

LEGENIDAS:
[f.2] Entrada da Galeria Brasil e como se estabelecem os conflitos, hierarquias e fluxos na sua calçada de acesso.
Fonte: Autorial, 2019.



[f.2]

INTRO DUÇÃO

FLANÂNCIA



[f.3]

O conjunto de experiências acumuladas durante o curso de arquitetura e urbanismo me possibilitaram vivenciar e enxergar a cidade com outros olhares. A vida urbana e suas dinâmicas sempre me atraíram, ao mesmo tempo que foram alvo de questionamentos. Semelhante ao flêuner, reproduzido por Walter Benjamin segundo a poesia de Charles Boudelaire, em *Um lirico no auge do capitalismo* (1989), o protótipo do sujeito e ao mesmo tempo, crítica da cena moderna. É uma reflexão e personificação acerca do desenvolvimento capitalista do século XIX, com a expansão sem precedência da economia industrial e explosão demográfica das cidades, que possibilitou novas formas de experimentar e perceber, exigindo um novo modo de olhar.

O flêuner é esse novo homem, um tipo social que se entrega ao espetáculo da multidão e da novidade, o leitor da cidade que caminha tranquilamente pelas ruas, capturando a paisagem num estado de distração em meio à velocidade e agitação da vida moderna, com sucessivos pontos de vista, apreendendo cada detalhe, sem ser notado. Mais do que ver, ele aponta as transformações do cenário urbano e revela sua historicidade.

Hoje, “flanar” é cada vez mais raro. O sujeito pós-moderno se configura num eterno deslocamento, criando uma geografia transitória da cidade, cheia de espaços de passagem. As praças viram shoppings, nos quais flanar também é contracenar com o consumo e as calçadas se perdem numa sociedade na qual o automóvel é sonho de consumo e o caminhar é arriscado demais.

Em meio à crise da experiência, esse trabalho parte de uma micronarrativa, uma afirmação da sobrevivência da flanância, um *elogio aos errantes* (2012), como diz Paola Berenstein: “ver a cidade como um terreno de jogos e experiências, buscando compartilhá-las”. A flanância é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um. Nesse trabalho, pratico de forma voluntária pelo centro de Anápolis.

EXPERIÊNCIA

LEGENDAS:

[f.3] Acesso Rua General Joaquim Inácio da Galeria Brasil. Fonte: Autorial, 2019.

[f.4] Acesso Rua General Joaquim Inácio da Galeria Brasil e conexão visual com Mercado Municipal. Fonte: Autorial 2019.

Um dia corriqueiro de compras, sempre cansativo, já se espera uma caminhada longa em volta destas quadras extensas e sem pausas, de calçadas estreitas, conflituosas, divididas junto à bancas e ambulantes. As vezes tenho que entrar em lojas com ar condicionado, sentar e conseguir fôlego para continuar, pois os únicos espaços públicos se encontram à mercê da informalidade e insegurança. Ouvei falar que havia aberta uma loja na Engenheiro Portela, mas se escondeu por de trás das várias camadas de anúncios e letreiros que sobrepõem e acumulam-se na paisagem. Entretanto, em meio a tanta densidade, surgem tímidos vazios, as galerias, as quais me recordo de precisar atravessar todas as vezes que vim ao centro, é quase uma necessidade, um transitar sem tumultos, agradável. Sem muito tempo, percorri a Galeria Brasil e percebi que a mesma liga visualmente pontos históricos do centro, como o Mercado Municipal e a Praça Americano do Brasil e ao mesmo tempo me questionei:

Esses espaços podem trazer uma nova dinâmica ao centro e ao seu patrimônio? Como fazer com que eles participem da dinâmica urbana do centro?



[f.4]

TRANS ITÓRIO



DADO

DIALÉTICA DO NOVO

"Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo - e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. E acrescenta: "trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, "tudo o que é sólido desmancha no ar" (HARVEY, 1992, p. 21).

O ser moderno, dava às cidades a necessidade da autofagia constante. Processo difundido através da Carta de Atenas (1933), um novo conceito de cidade regida pelo zoneamento funcional, modelos de alta densidade, com a ideia de saneamento social. Isso gerava um Processo de degradação e deterioração dos centros urbanos que se intensificou nos anos 1950, causado pelo crescimento e expansão da cidade. Somado à isso, o cenário do pós-guerra provoca questionamentos sobre a vida urbana e consequentemente sobre as atividades no centro.

Nos EUA, o desenvolvimento das cidades esteve condicionado à demolição de áreas consideráveis do tecido urbano e à sua reconstrução - "Arrasa quarteirão", acompanhado pelo "Demolir e construir para renovar". Surtiu efeitos na Europa, que se reconstruía baseando-se no planejamento dos EUA - New Towns (cidades novas).

David Harvey reforça essa ideia:

"A essência eterna e imutável da humanidade encontra sua representação adequada

na figura mítica de Dioniso: Ser a um só e mesmo tempo 'destrutivamente criativo' (isto é, formar o mundo temporal da individualização e do vir-a-ser, um processo destruidor da unidade) e criativamente destrutivo' (isto é, devorar o universo ilusório da individualização, um processo que envolve a reação da unidade)" (HARVEY, 1992, p. 26).

Essa cidade começa a ser criticada nos anos 1960, sendo aí que se começa a argumentar que a variedade de tipos e épocas dos edifícios é vital para a vida das áreas urbanas, assimilando as críticas feitas por Jane Jacobs. Marcando assim o início da valorização do ambiente urbano tradicional, do qual fazem parte os centros históricos das cidades.

As décadas de 1970 e 1980 foram o momento de transição, negando o moderno, com o objetivo de dialogar com a "cidade existente", valorizando os centros históricos e da sua integração na cidade contemporânea, inaugurado pelo plano de Bolonha, assim, o patrimônio histórico passa a atuar como pano de fundo nas intervenções urbanas.

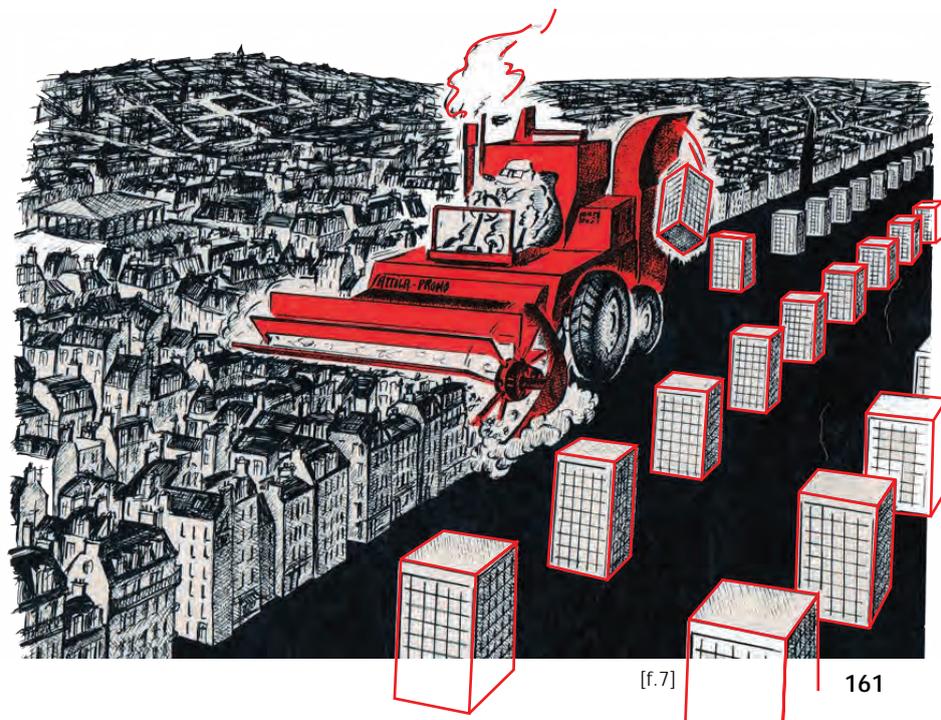
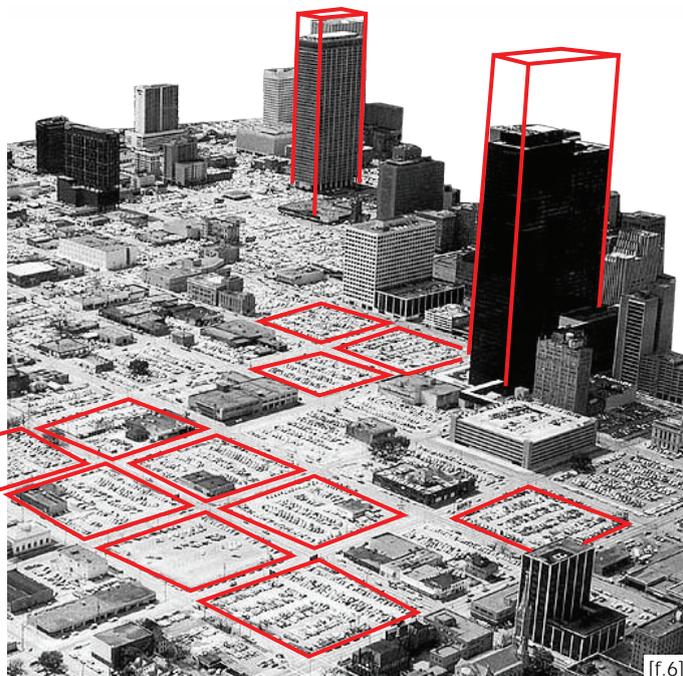
A partir daí, as áreas centrais mantêm a busca pelo novo, pelo inusitado, se tornam um campo fértil de experiências arquitetônicas, inaugurando a city marketing, junto à uma gestão urbana assumida como uma política de governo e o projeto urbanístico como elemento catalisador. Uma cidade como produto, com a globalização, a cultura assume papel simbólico, se museifica, a cidade se torna palco da teatralidade e experimentação, o locus do consumo.

LEGENDAS:

[f.5] Estação Ferroviária de Anápolis. Fonte: Autoral, 2017.

[f.6] Crítica ao modernismo. A arte parisiense de boulevard atacando a destruição modernista do antigo tecido urbano. Fonte: Cartum de J. F. Batellier em "Sans Retour, Consigne".

[f.7] Imagem aérea de estacionamentos no centro de Houston, EUA, 1978. Fonte: Alex Mclean.



LEGENDAS:

[f.8] Letreiros cobrindo platibandas de estilo decó na R. Aquiles de Pina. Fonte: Autoral, 2018.

[f.9] Galpões dos Pina e seus telhados no modelo de chalé europeu, influência da chegada da ferrovia. Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

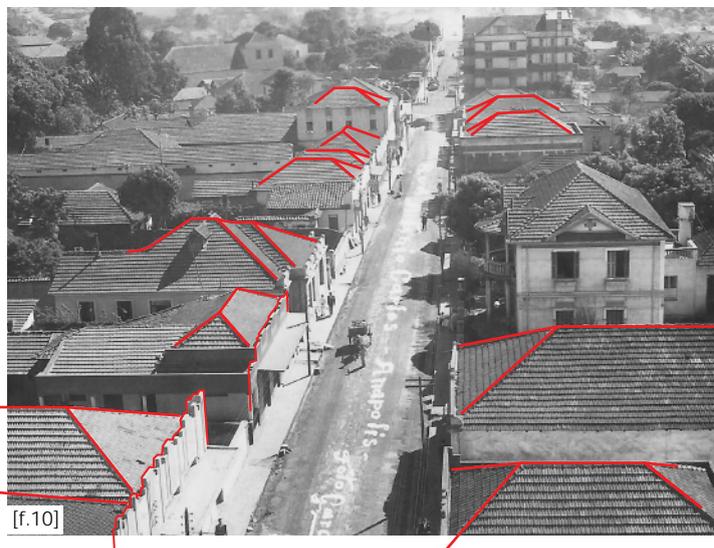
[f.10] Edifícios com platibandas no estilo decó, escondendo seus telhados, influenciados pela chegada da ferrovia e a "atualização" da aparência da cidade nos moldes do moderno. Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

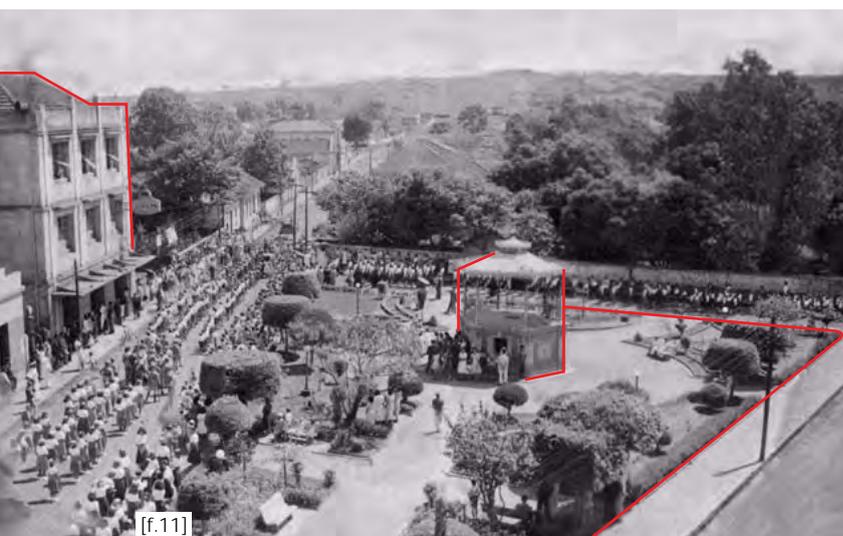
O centro tradicional de Anápolis atravessa uma fase de decadência. Patrimônios edificados são diariamente "escondidos", ou retirados para dar lugar a novos empreendimentos, usos e funções. A refuncionalização dos espaços urbanos transformam tais construções para atender a demanda comercial e de serviços.

Harvey (2005) afirma: "A lógica que enreda os bens culturais do mundo, em todas as escalas do urbano, inclusive na metrópole, é a da minimização do valor simbólico e de uso para a maximização do "capital simbólico". Carlos (2004, p.40) acrescenta: "O novo engole, incessantemente, as formas onde se escreve o passado e, com ele, seu estilo. Sem referencial, o mundo, na busca incessante do novo, se transforma no instantâneo". Anápolis que crescia a passos largos, ancorados na ideia de progresso, que gerava ao mesmo tempo, um processo autofágico de se modernizar, como revela o Jornal da época: "Tem sido deveras intenso o movimento de construções em nossa cidade, entretanto, poucos são os prédios que obedecem a esthetica moderna ou mesmo, que tenham sido construídos de acordo com as exigências actuais." (O ANÁPOLIS, nº 44, 19 abr. 1936, p. 4).

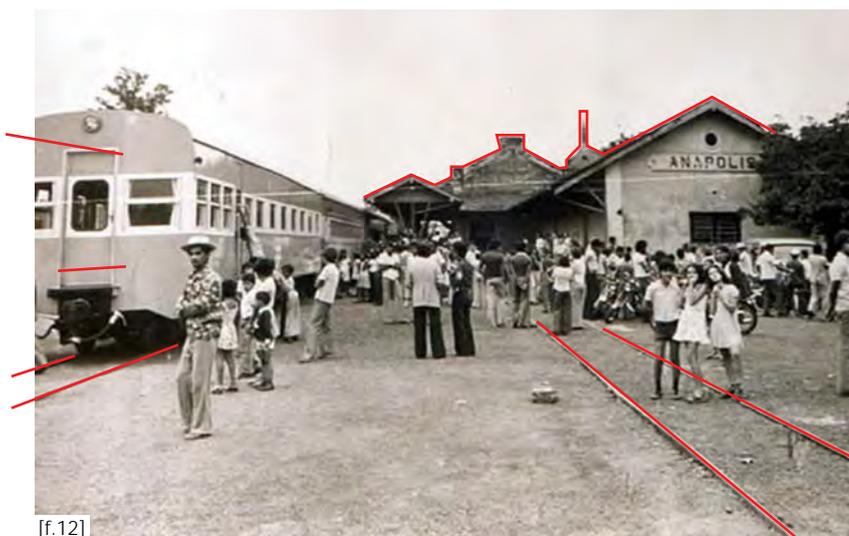
Anápolis possui seus patrimônios históricos e sua importância relacionada às transformações socioeconômicas e culturais desenvolvidas ao longo dos anos e são elementos importantes na composição de sua história, mas muitos desses bens se encontram em péssimo estado de conservação e outros chegam até mesmo a deixar de existir devido às mudanças impostas pela própria dinâmica socioeconômica do centro. Segundo Polonial (2007), Anápolis possui uma arquitetura em estilo Art Déco que merece ser preservada, pois retrata a mudança de cidade interiorana, para uma cidade moderna. Entretanto, o Município possui apenas nove monumentos tombados. Atualmente, espelha tão somente o que se passou, de modo apagado e tímido. É observável que Anápolis se nega, ao ignorar suas edificações patrimoniais, que se revelam como fragmentos que foram se dispersando no tempo, ignorando o fato de que são o processo da construção da própria sociedade e de sua identidade que se incorpora à memória coletiva, como delinea Rossi (2001, p.198):

"a memória está ligada a fatos e lugares, a cidade é o "locus" da memória coletiva, [...] se torna a própria metamorfose do espaço, a cargo da coletividade; uma transformação que é sempre condicionada por aqueles dados materiais que se apõem a essa ação. [...] "é a consciência da cidade, sua alma."





[f.11]



[f.12]

Revalorizar é uma das expressões chave da prática patrimonialista e busca sobretudo, incorporar a um bem um potencial econômico, que venha a enriquecer a sua significação, que além de econômica, é artística, cognitiva e cultural (LACERDA, 2002). Ou seja, remete a valores do patrimônio que é preciso reconhecer (CHOAY, 2001) e estão fundamentadas na conservação e restauração. Tendo como produtos ou operações destinadas a valorizar o monumento, a reutilização ou re-uso, associando na maioria dos casos, a animação cultural.

A re-utilização consiste em adaptar um antigo edifício a um novo uso, seja de cunho cultural ou lazer, ou ainda de habitação ou hospedagem, como meio de obter a sua reintegração à vida cotidiana. É instrumento de ação, ou seja, o seu acerto dependerá unicamente do projeto, do respeito ao edifício antigo, das suas estruturas maiores, e do grau de conservação do mesmo, sempre na busca de manter um equilíbrio entre o presente e respeito ao passado. Choay (2006) assinala: "Os centros e bairros históricos antigos oferecem atualmente uma imagem privilegiada, sintética e de certa forma magnificada, das dificuldades e contradições com as quais se confrontam a valorização do patrimônio arquitetônico em geral, e em especial sua reutilização ou, em outras palavras, sua integração na vida contemporânea".

Para Meneguello (2000), a preservação dos antigos centros ou de partes da cidade, seja no Brasil ou no exterior, exige a revisão de conceitos fundamentais, como a preservação do patrimônio, o novo uso conferido às áreas preservadas e, especialmente, as diferentes interpretações do passado históri-

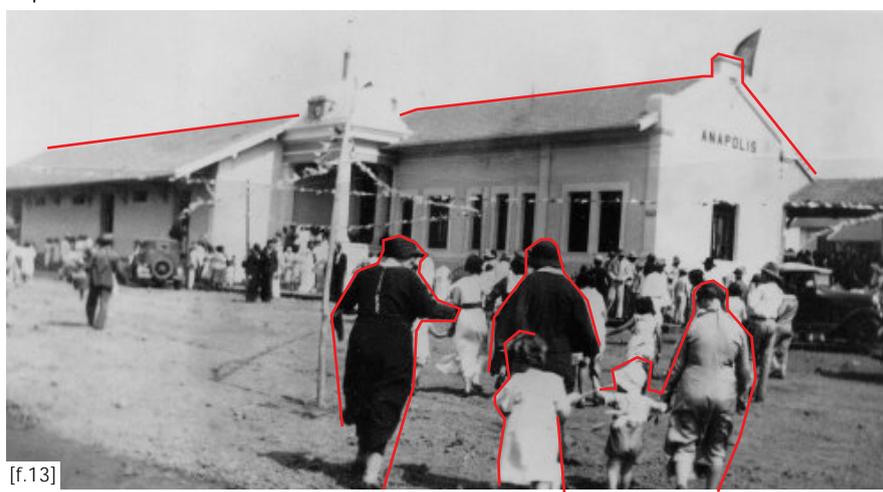
co urbano. Visando evitar ou minimizar problemas, essas apropriações da cidade e da sua história devem vir não apenas como "citação do passado", mas como possibilidade de transformação, tendo como ponto positivo um estabelecimento ou uma busca pela identidade e pela memória do lugar.

Ferrara (1988, p.75) defende a importância do indivíduo nessa prática de decisões, já que [...] o elemento que aciona esse contexto é o usuário, e o uso é a sua fala, sua linguagem [...] Recompôr essas marcas na consciência de uma população é condição de rompimento do hábito urbano e fator que possibilita a mudança de usos, novas explorações do espaço urbano, da qualidade de vida de uma cidade [...].

Dai a necessidade de se procurar entender a articulação entre o meio edificado, os símbolos, a memória coletiva, a identidade e as sensações de "pertencimento", mas sem abdicar do posicionamento técnico, pautado em competências específicas.

LEGENDAS:

- [f.11] Dia de comemorações na Praça João Pessoa, atual James Fanstone, do Coreto, antigo palco de comemorações e bandas da cidade. Fonte: Museu Histórico Alderico Borges
- [f.12] Estação Ferroviária de Anápolis na década de 1930. Fonte: Museu Alerico Borges.
- [f.13] Estação Ferroviária de Anápolis na década de 1930. Fonte: Museu Alerico Borges.



[f.13]

CIDA

DE

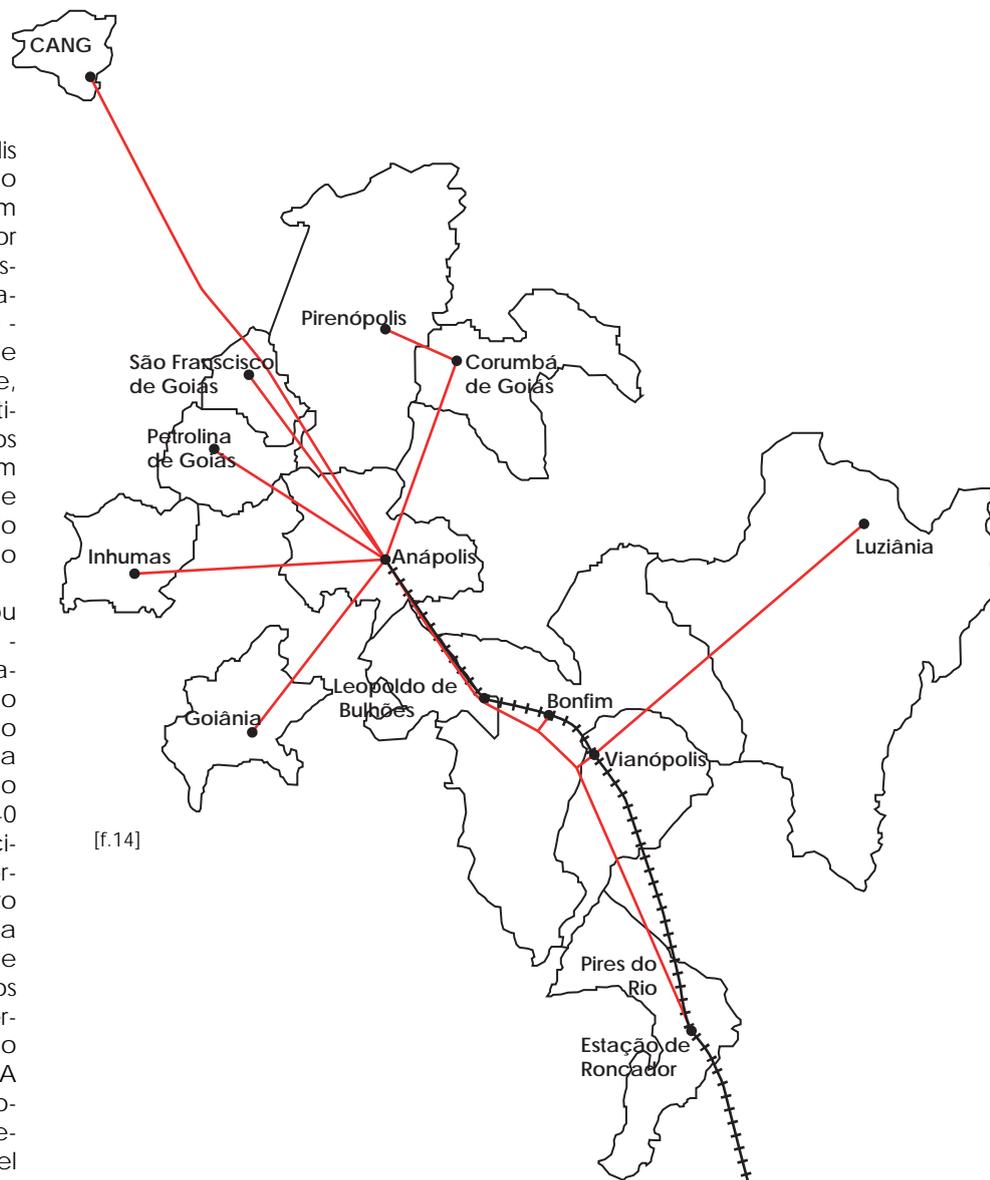


MOVIM

MENTO

Entrepósito de movimentos, Anápolis surge no final do século XIX como produto de deslocamentos de tropeiros que faziam ligações entre áreas mineradoras do interior goiano, de início um ponto de troca e abastecimento, um imã numa rede de deslocamentos que faz analogia à própria galeria - que será exposta durante o estudo - que adquiriu importante produção agrícola que, por sua vez, contribuiu para atrair significativo fluxo migratório - especialmente de sírios e libaneses que começaram a chegar em 1913 (MACHADO, 2009) - que impulsionou e constituiu aos poucos o desenvolvimento do comércio, principalmente do setor terciário servindo como centro de armazenagem.

O processo de modernização começou a ser definido na abertura de rodovias - Anápolis-Roncadour em 1921 - como mecanismo facilitador de trocas e escoamento fizeram consolidar nas primeiras décadas do século XX. No entanto, foi a chegada da ferrovia (1935) o grande fomentador do comércio nas décadas de 1930 e 1940 (MACHADO, 2009), período áureo do crescimento da cidade, reafirmando sua importância econômica. Paralelo à isso, o centro experimenta mudanças significativas na sua fisionomia urbana apoiadas no ideal de progresso, foram reformados antigos prédios públicos e privados, residenciais e comerciais além de novas construções, em estilo art déco e ecléticas (POLONIAL, 1995). A modernidade configurou uma nova morfologia para as ruas e edificações, uma materialização do progresso econômico visível de Anápolis.



[f.14]

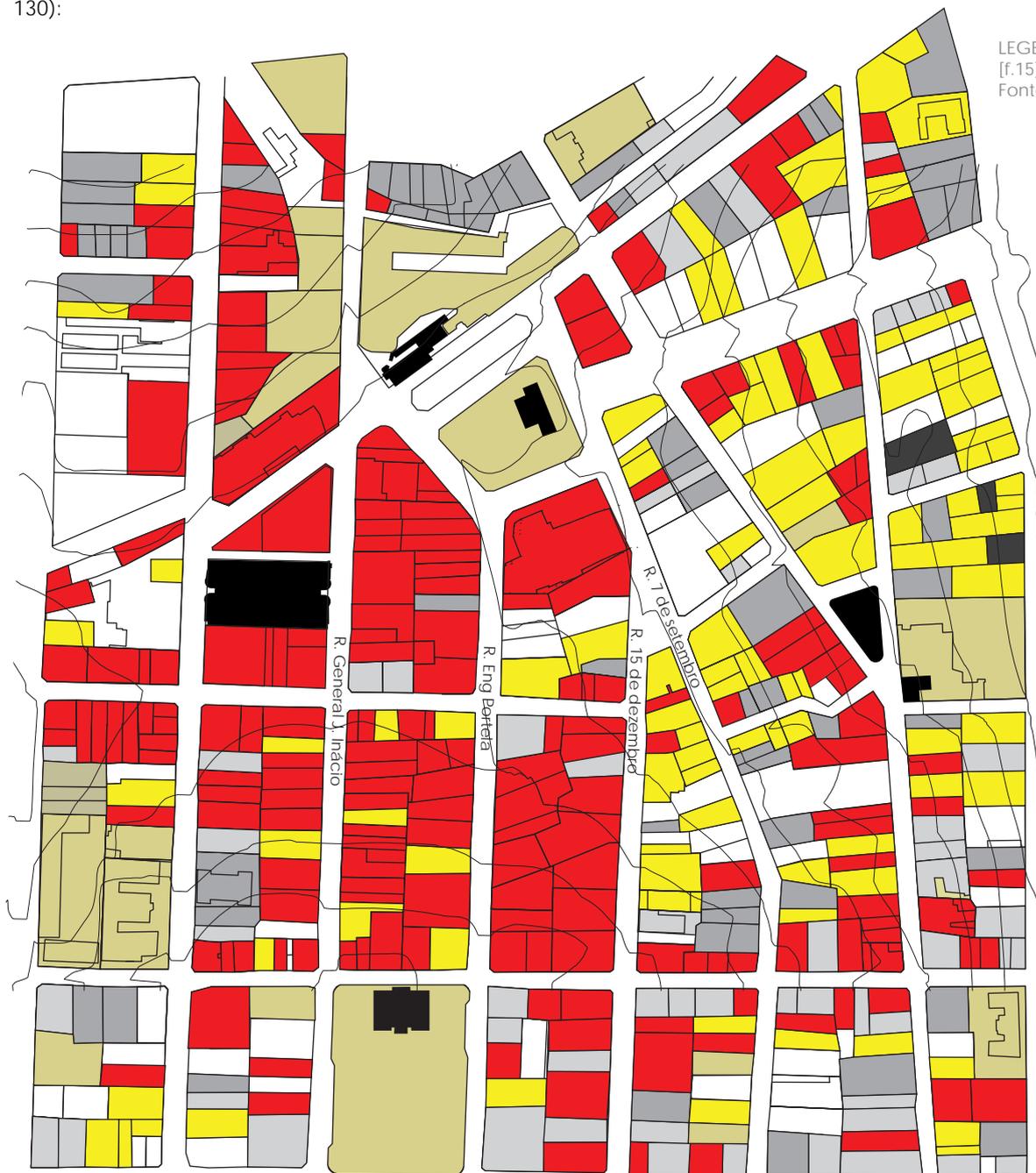
LEGENDAS:
 [f.14] Expansão das rodovias inter-municipais ligadas a Anápolis, em decorrência da penetração da ferrovia (1920-1950). Fonte: FRANÇA, Maria de Sousa. A formação histórica da cidade de Anápolis e a sua área de influência regional, 1974. Adaptado.



CENTRAL IDADE PULSA

Este movimento se expressa principalmente no setor central de Anápolis. Caracterizado pela centralidade se apresentando na forma tradicional de atividades comerciais e de serviços, que se reafirma com novos espaços e dinâmicas de consumo atreladas ao comércio informal, que justificam a mistura de funções que o próprio centro comporta. Uma centralidade múltipla, que se assume e se refaz num caráter ambíguo, como afirma Lefebvre (2001, p. 130):

“lugar de consumo e consumo de lugar”, um local de convergência motivada pela aglomeração de mercadorias, de encontro, mas que morfologicamente também segrega e limita. Suas quadras densamente ocupadas localizadas principalmente nas regiões de muito fluxo oferecem longas distâncias de caminhada, ladeadas por porções de vazios destinados majoritariamente à estacionamentos ou sem uso.



LEGENDAS:
[f.15] Mapa de usos.
Fonte: Autorial, 2019.

[f.15]

- | | | | | | |
|--|---------------|--|---------------------|--|-------------|
| | Comercial | | Equipamento Público | | Residencial |
| | Serviços | | Preservação | | Misto |
| | Subutilizados | | | | |

Entrequadras: De fluxos à permanências



SOBRE POSIÇÕES



[f.16]



[f.17]

A paisagem dessas quadras se expressa na sobreposição de estilos e letreiros, um caos que se repete desordenadamente, gerando ilegibilidade. Cullen (1983), conceitua paisagem urbana, como sendo "a arte de tornar coerente e visualmente organizado o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano" e Lynch (1960, p.2) complementa, legibilidade é a "facilidade com que cada uma das partes da cidade pode ser reconhecida e organizada em um padrão coerente", ou seja, uma paisagem legível torna o locomo-ver mais fácil e confortável, além de causar afetividade emocional e sensação de segurança. O que percebemos no centro, é o contrário, o indivíduo perde seu senso de orientação.

FLUXOS



PERMANÊNCIAS

PASSAGENS

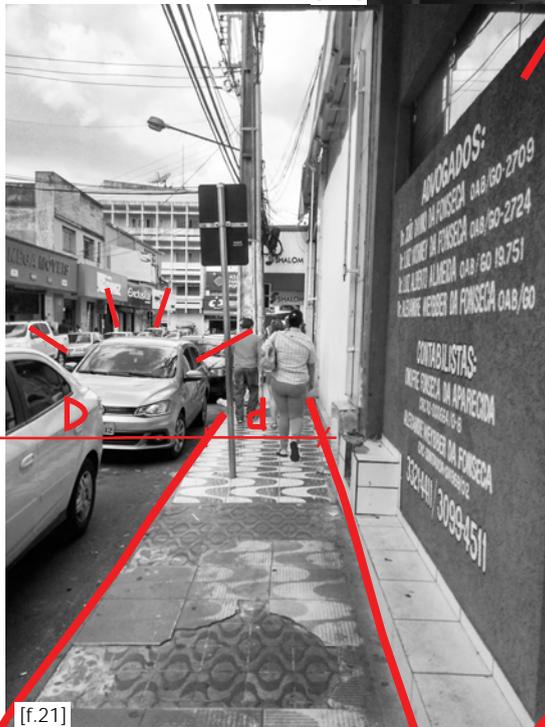
XOS



[f.19]



[f.20]



[f.21]



[f.22]

A circulação vitaliza o pulso e existências das cidades. Junto à acessibilidade, constituem aspectos fundamentais na constituição dos lugares. Para Jones (2017), um dos principais impulsionadores do movimento de pedestres é a estrutura e a conectividade das ruas, que estabelecem “padrões de movimento que são moldados pelo desenho urbano” (Pereira, 2011). Linhas no espaço e no tempo, definidas pelas direções dos fluxos de deslocamento e circulação, “os percursos urbanos são abordados como atributos para o reconhecimento dos espaços livres, no processo de evolução urbana e nas práticas sociais, estabelecendo um arranjo de variáveis,

como aspectos de ocupação, uso do solo, morfologia e práticas sociais, demonstrando que os percursos podem influir na segregação e na formação de barreiras e fronteiras urbanas” (Silveira, 2004, p.31).

Circular pelo centro com suas calçadas muito estreitas e de estrutura precária, ao mesmo tempo que são alvos de disputa pelo “lugar” com o comércio informal, junto à morfologia urbana homogênea, o transformam em um lugar de passagens. Flanando, percebi que as oportunidades urbanas, conjugadas à acessibilidade, geram “atritos” entre atratividade e dificuldades de acesso aos edifícios. O próprio andar se torna uma vontade de impermanência.

LEGENDAS:

[f.19] Calçada de acesso para o Mercado Municipal com passeio livre conflituoso e desconfortável. Fonte: Autoral, 2019.

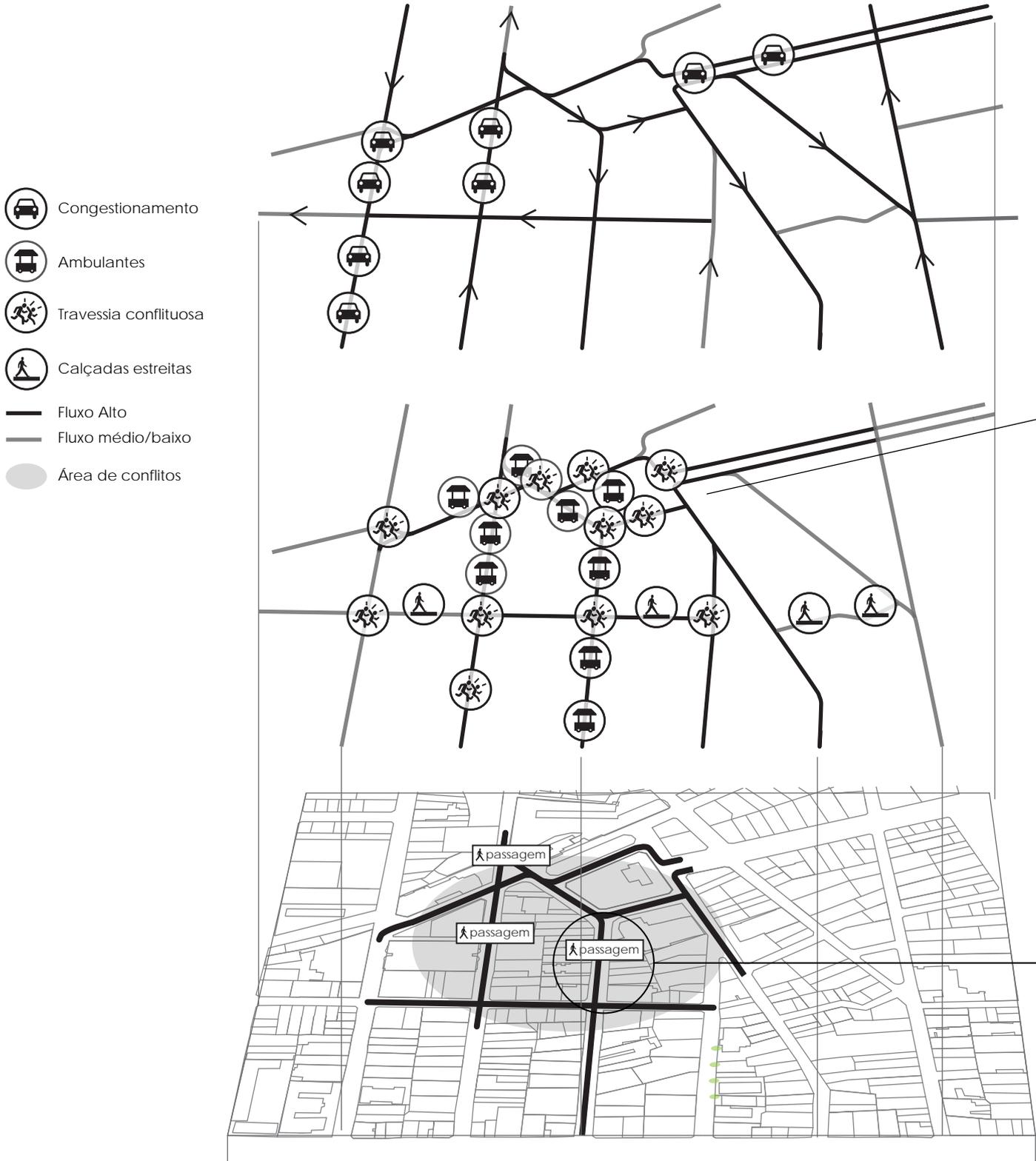
[f.20] Calçada R. Eng. Portela conflitante ao comércio.

[f.21] Calçada da R. Rui Barbosa com faixa de circulação insuficiente. Maior hierarquia dada ao automóvel. Fonte: Autoral, 2019.

[f.22] Calçada da R. Rui Barbosa com faixa de circulação insuficiente. Fonte: Autoral, 2019.

LEGENDAS:

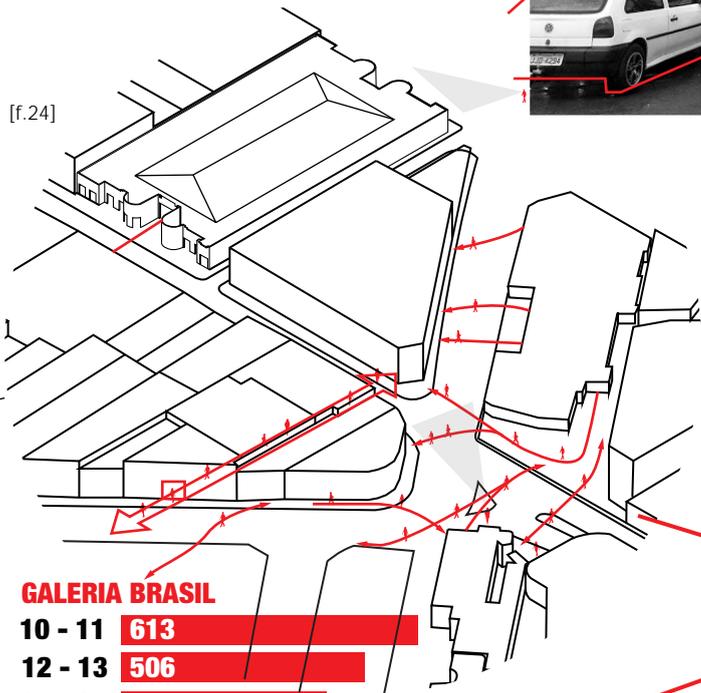
[f.23] Diagrama explodido que identifica fluxos, travessias, sentido das vias, conflitos, concentração de ambulantes, calçadas muito estreitas.



[f.23]

TRANSIÇÕES

[f.24]



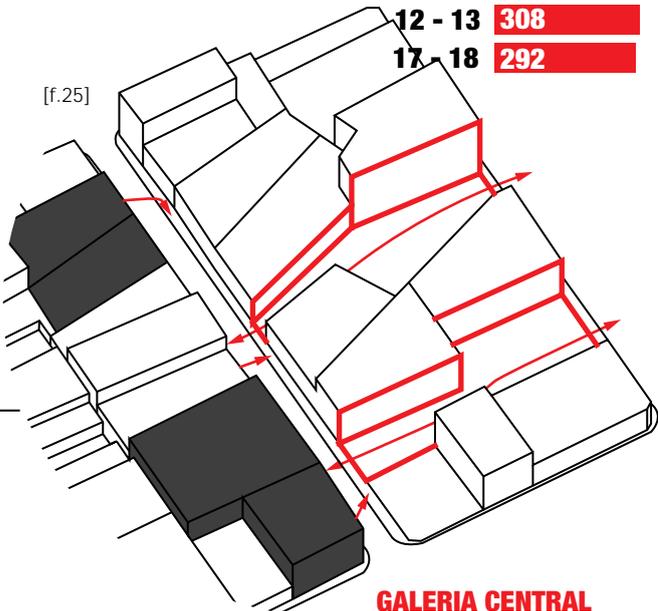
GALERIA BRASIL

10 - 11	613
12 - 13	506
17 - 18	424

GALERIA SHOPPING

10 - 11	390
12 - 13	308
17 - 18	292

[f.25]

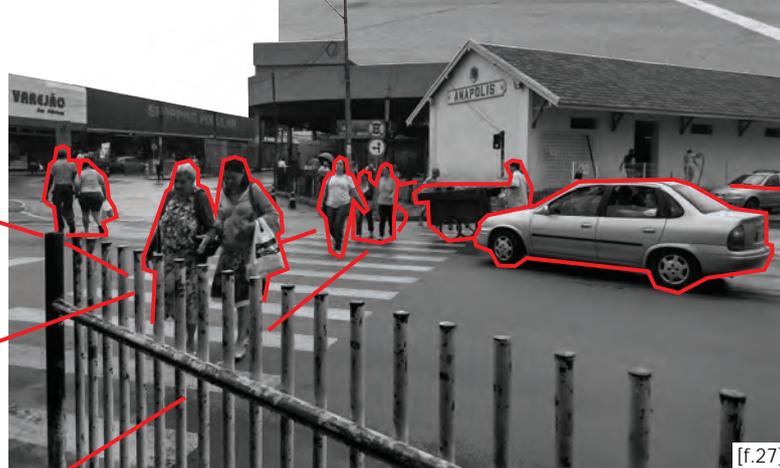


GALERIA CENTRAL

10 - 11	451
12 - 13	402
17 - 18	307



[f.26]



[f.27]

Os gráficos mostram a quantidade de pessoas por hora que passam pelas galerias em horários diferentes e reforça a importância e a necessidade desses elementos no contexto urbano do centro de Anápolis. Os pontos nodais que, segundo Lynch (2006, p. 51), são "pontos de decisão", são áreas de difícil travessia e mostram a hierarquia dada ao automóvel, que toma "posse" dos espaços progressivamente, tornando o caminhar no centro cada vez mais conflituoso.

O sentido dos principais fluxos de pedestres reforçam a identidade do centro, no qual equipamentos como o terminal urbano e lojas âncora desempenham o papel de "polos".

LEGENDAS:

[f.24] Diagrama de sentidos de fluxos de pedestres, e como eles se distribuem nas travessias. Fonte: Autorial, 2019.

[f.25] Diagrama de relação entre galerias e polos atratores. Fonte: Autorial, 2019.

[f.26] Acesso R. 14 de julho do Mercado Municipal, que não "respira", atrás de letreiros que o descaracterizam, aliado ao congestionamento de carros. Fonte: Autorial, 2019.

[f.27] Dificuldades de se fazer travessias no centro, com grandes fluxos e pouca importância dada ao pedestre.



[f.28]



[f.29]

No centro de Anápolis, esta tipologia de passagem surge na década de 1970, quando a indústria imobiliária se desenvolveu, especializando na edificação de Shopping Centers. A primeira galeria nasce com esta essência, no lugar onde era uma concessionária da Ford, na qual abrigava atividades comerciais e de varejo, cafés, era o espaço da "elite" Anapolina. Entrou em declínio com a criação do Anashopping na década de 1990, mas se mantém com sua importância morfológica, como afirma Vargas (2001, p.207), "nascidas como passagens, [as galerias] abrem-se para o entorno, dialogam com a cidade, reforçando a sua alta permeabilidade", "deslocam a fronteira entre o público e o privado e tornam o tecido das ruas mais unido" (Hertzberger, 1999, p.77), "desfazendo o rígido limite entre vazios e sólidos da cidade tradicional, potencializando a vivência da cidade entre os moradores" (LAMAS, 2007, p.214). Esta tipologia vem sendo timidamente implantada no centro à partir dessa década, com a Galeria Brasil e o Central Shopping, criando espaços de passagem com pequenos átrios de permanência.

LEGENDAS:

[f.28] Galeria Brasil sem atratividade, se camufla junto aos letreiros.

Fonte: Autoral, 2018.

[f.29] Corredor da Galeria Shopping Center, de passagem confortável e uso das antigas escadas de acesso como assento.

Fonte: Autoral, 2018.

[f.30] Passagem e permanências na praça de alimentação da Galeria Brasil.

Fonte: Autoral, 2019.

[f.31] Átrio de iluminação e circulação do segundo pavimento da Galeria Brasil.

Fonte: Autoral, 2019.

[f.32] Praça do Banco do Brasil e sua espacialidade, apropriações e permanências.

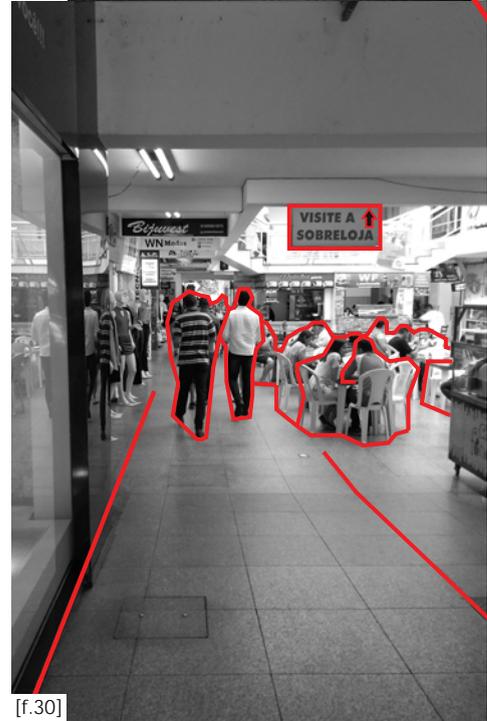
Fonte: Autoral, 2019.

[f.33] Apropriações na Praça do Americano. Usuários usando raiz da gameleira para sombra e descanso ao lado de grandes espaços sem usos.

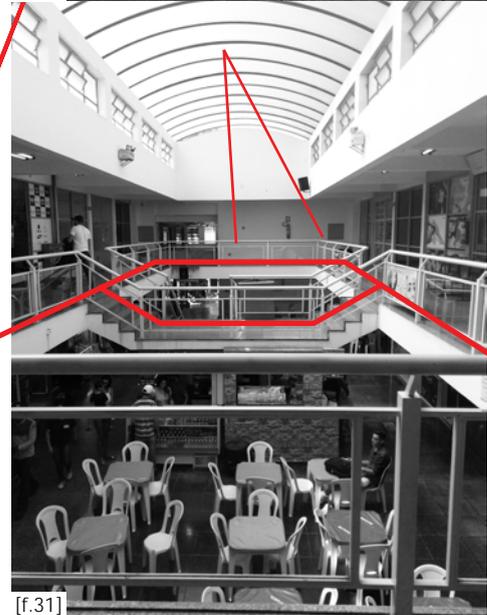
Fonte: Autoral, 2019.

[f.34] Espaços de permanência e sombra na Praça James Fanstone.

Fonte: Autoral, 2019.



[f.30]



[f.31]

(im)PERMANÊNCIAS

No que tange os espaços públicos e sua apropriação, a região central de Anápolis embora tenha potencial pelos seus diversos fluxos existentes, carece de espaços de qualidade. Há uma ausência de permanências, tanto culturais como espaciais, traduzida no cotidiano como apenas de passagem. Tal divergência é expressa nas múltiplas apropriações que expressam o movimento da vida cotidiana do centro, que se limita ao horário comercial e consequentemente um esvaziamento noturno completo de toda sua vitalidade. Um fator que incide diretamente é a falta de infraestrutura desses espaços, como a falta de mobiliários, acessibilidade, iluminação na escala do pedestre, etc.



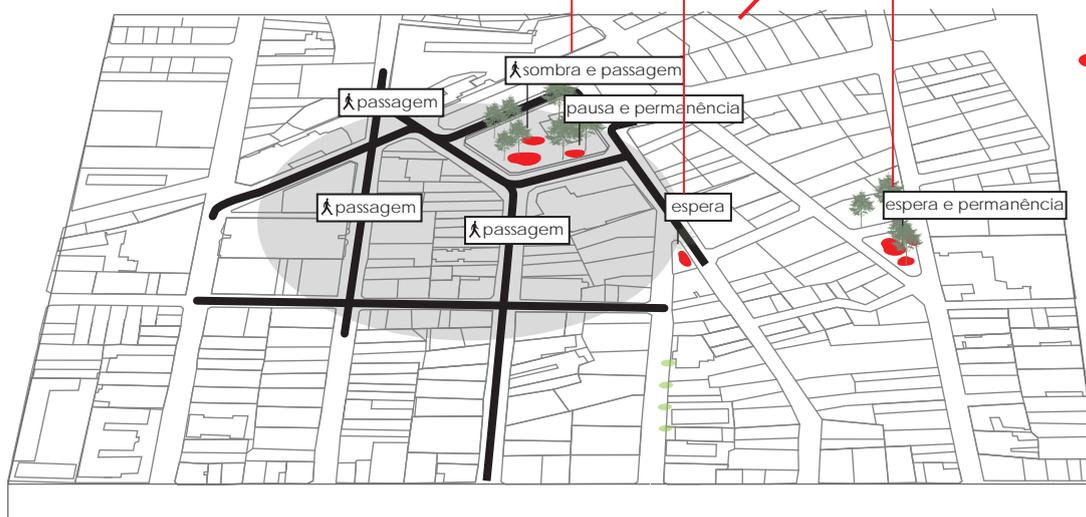
[f.32]



[f.33]

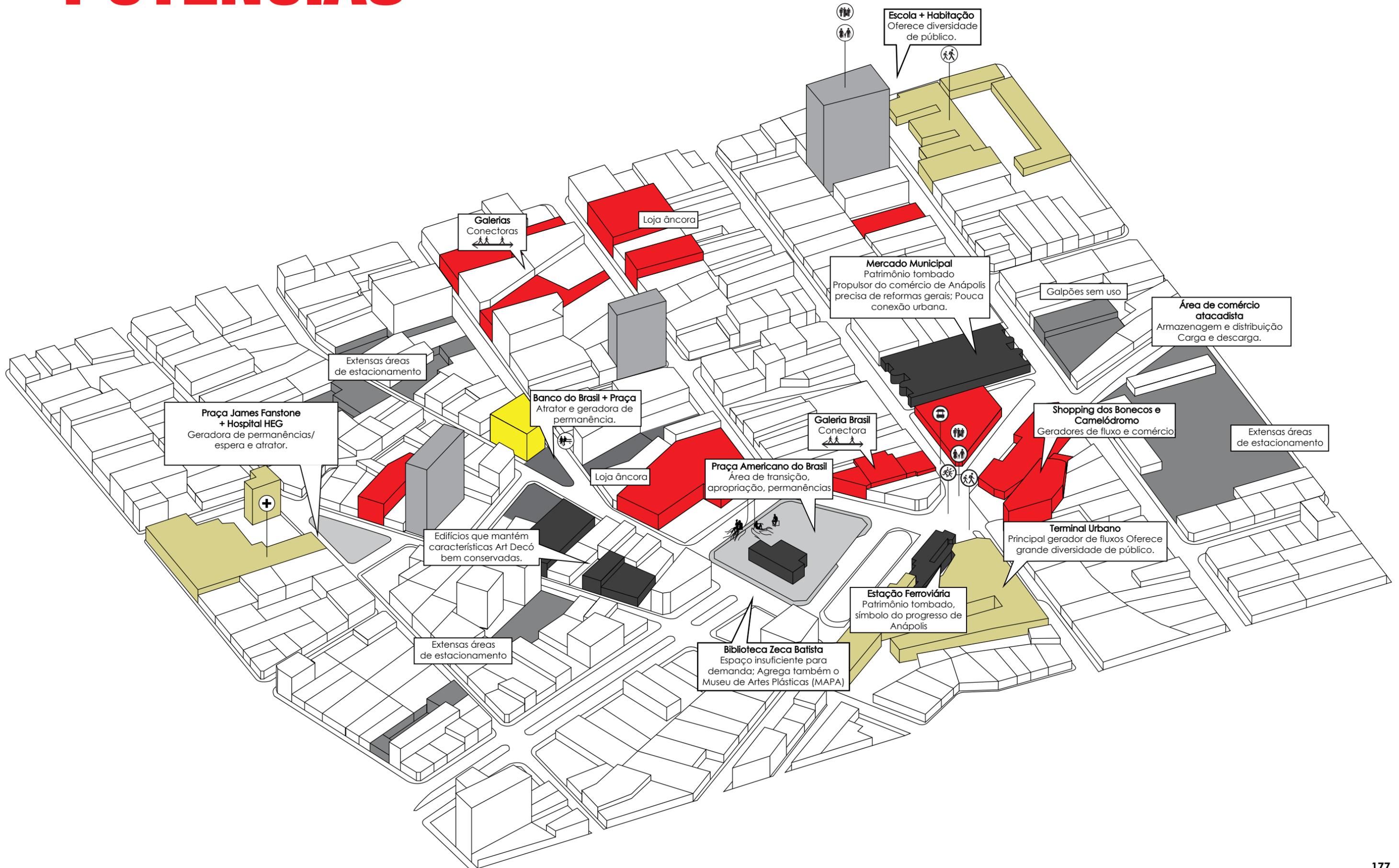


[f.34]



ENTRE

POTÊNCIAS



DIRETRIZES

> Remodelação das fachadas das galerias afim de torná-las mais visíveis e atraentes . Diminuição das barreiras visuais e espaciais existentes.



> Propõe-se um plano de tombamento pra edifícios importantes e de relevância arquitetônica e histórica, junto à medidas que incentivem sua manutenção.



> Alargamento das calçadas junto à implantação de floreiras e jardins de chuva afim de promover melhor permeabilidade.

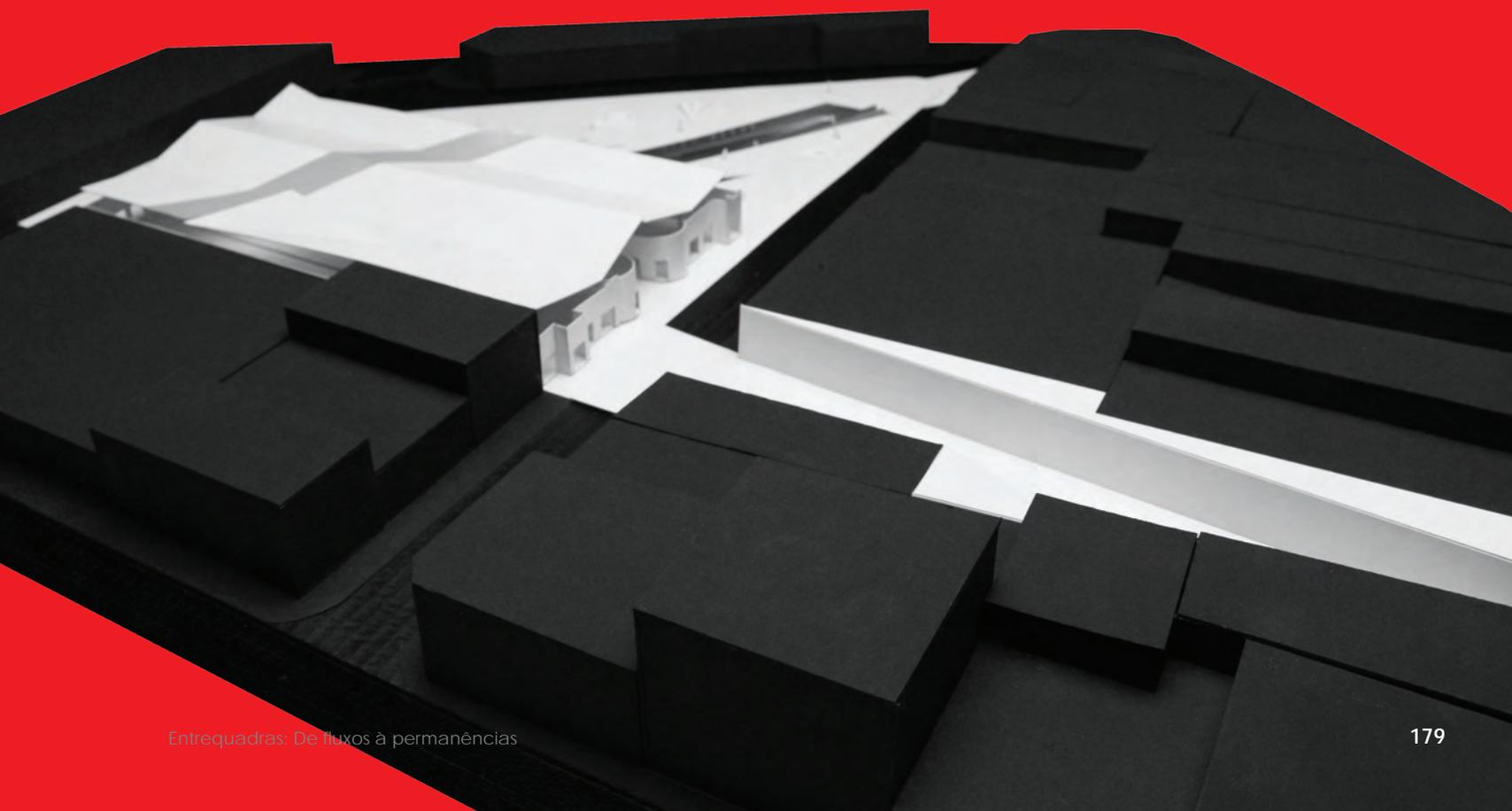


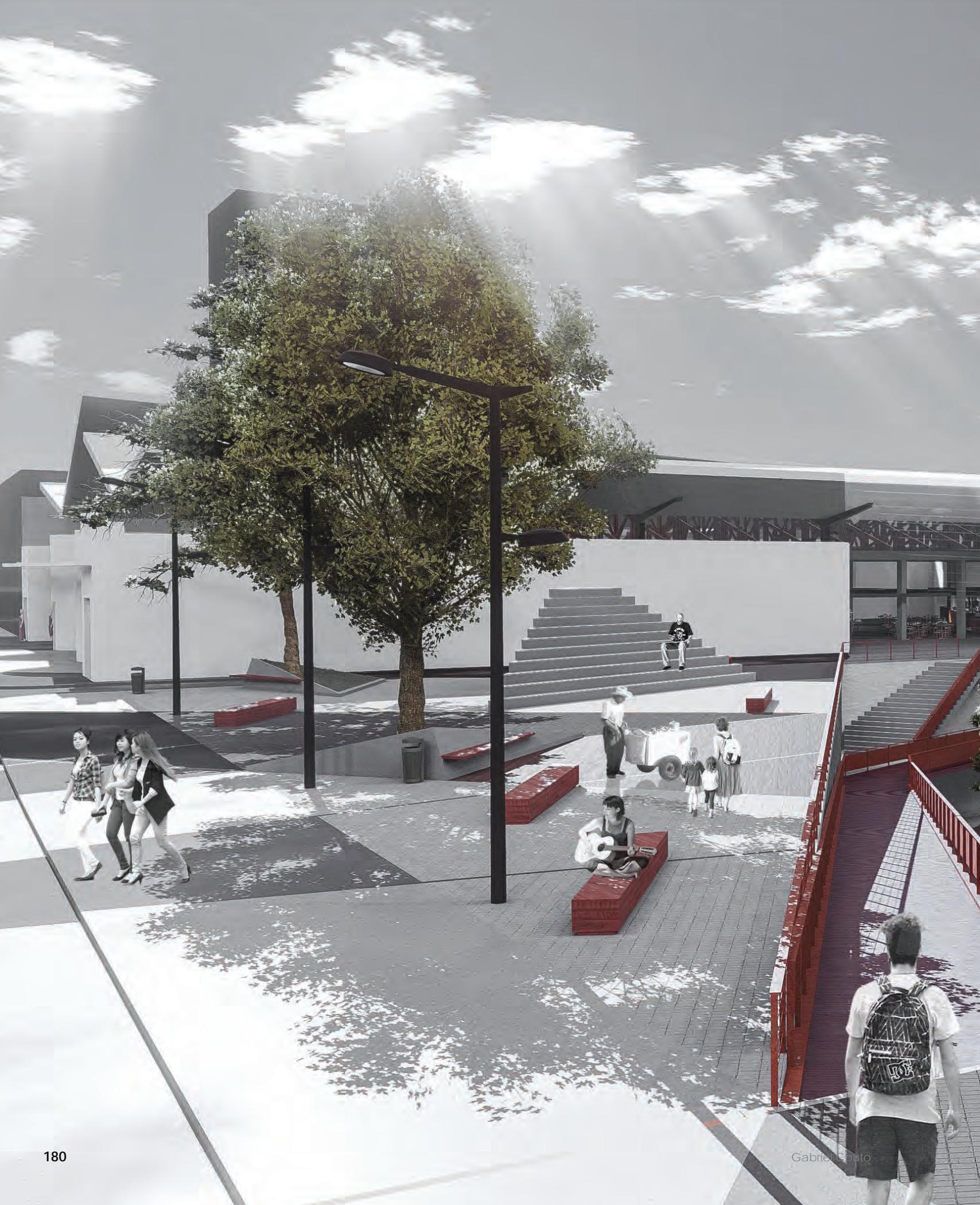
> Melhoria da iluminação pública existente e implantação do sistema de LED.

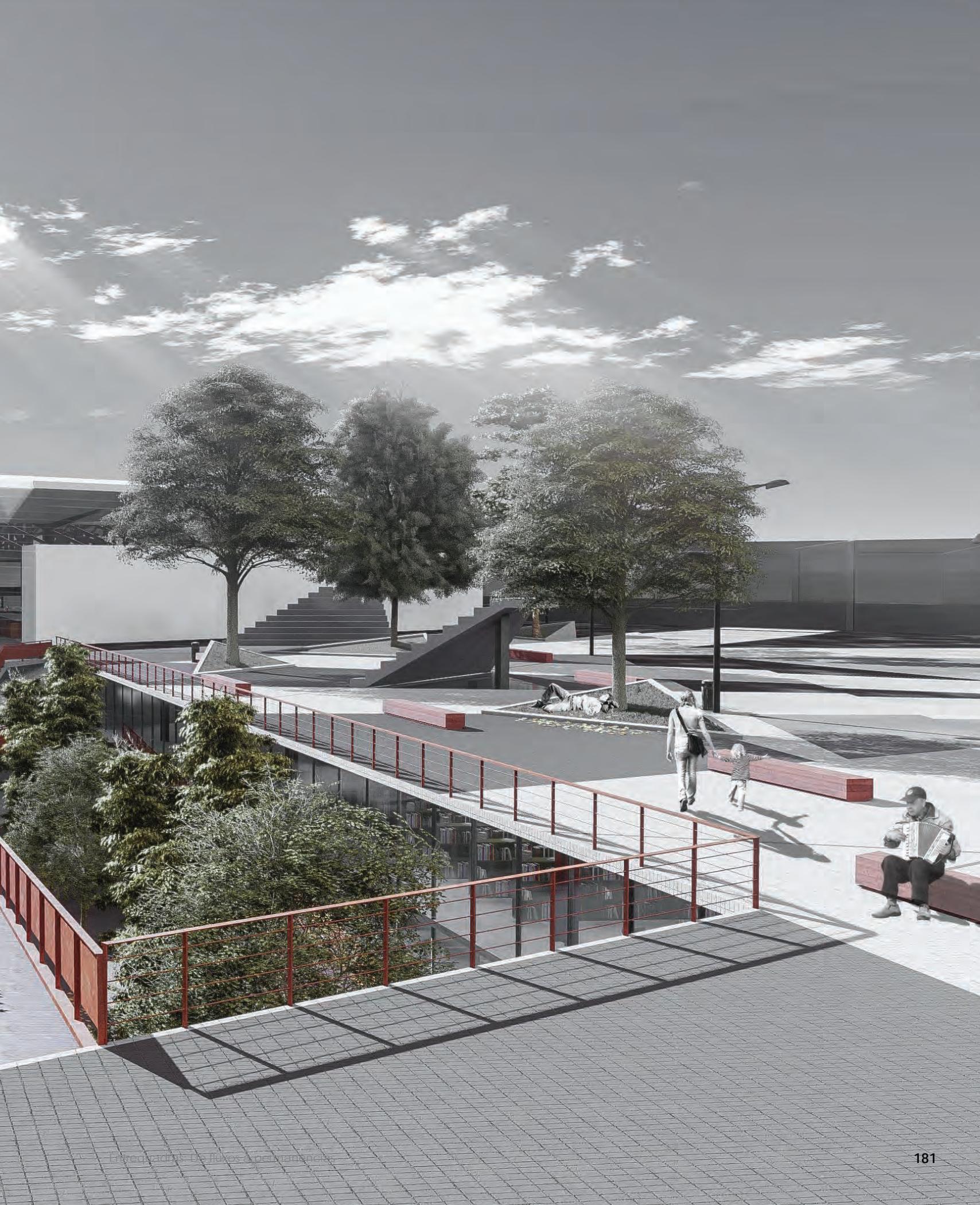
> Melhoria dos espaços de permanência, oferecendo informativos, melhor policiamento e apoio, internet gratuita e mobiliários flexíveis e de qualidade, com baixa manutenção.



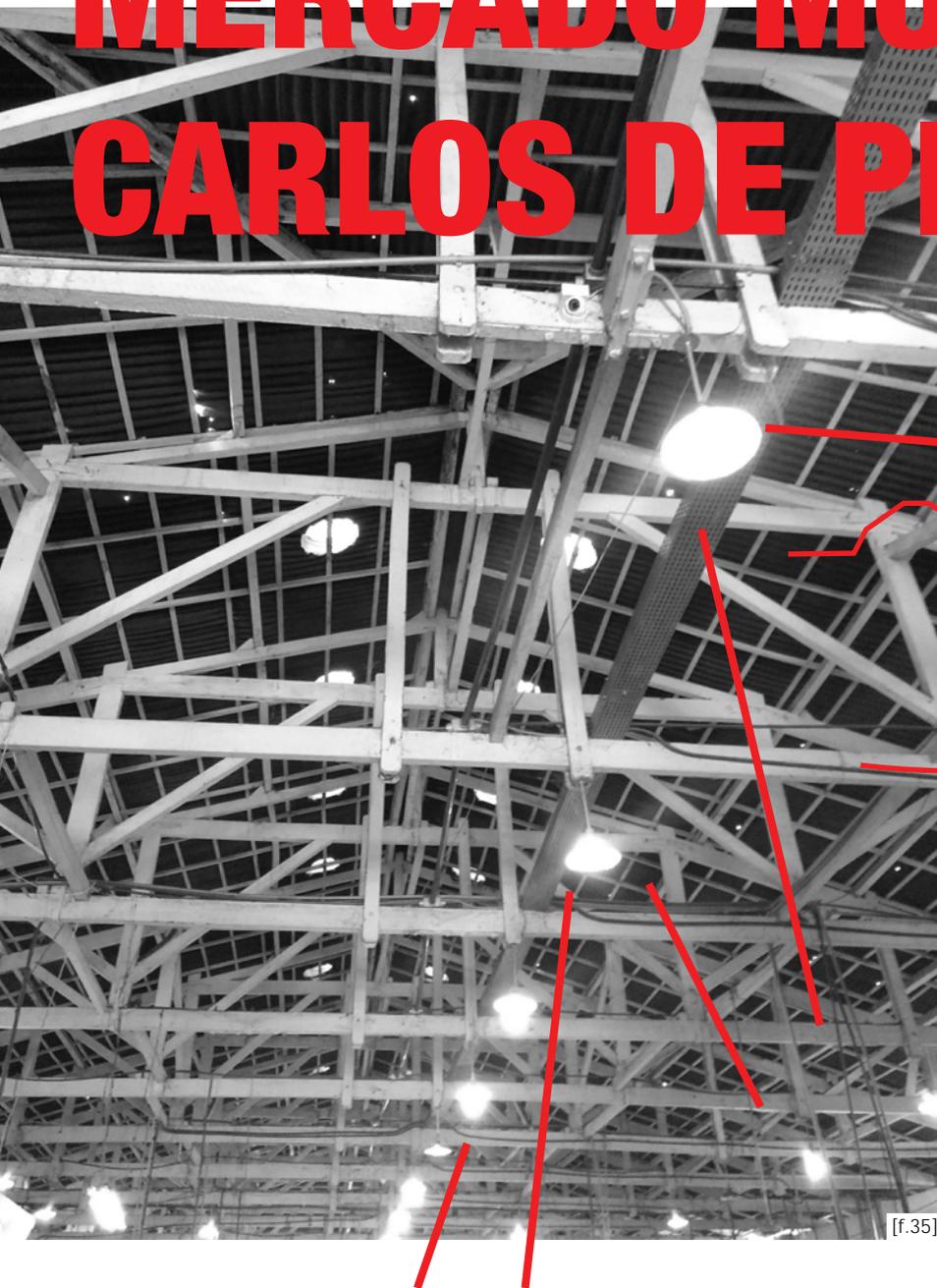
QUADRAS







MERCADO MUNICIPAL CARLOS DE PINA



[f.35]



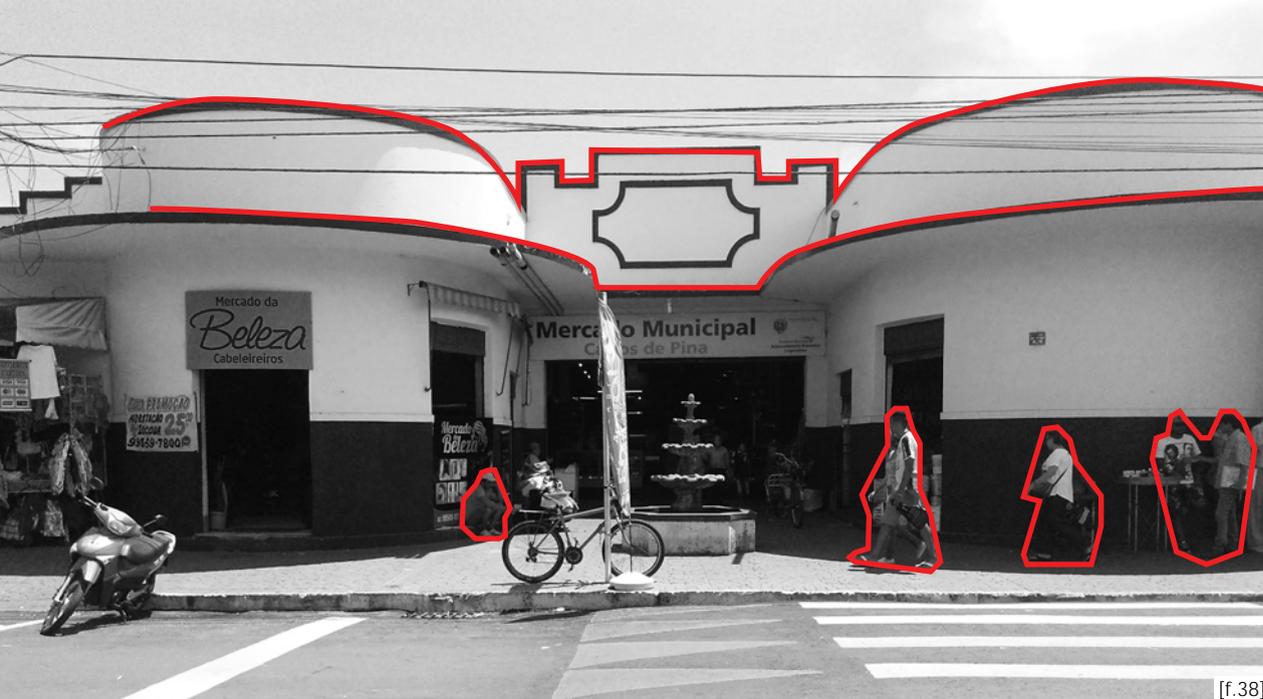
[f.37]

Nas décadas de 50 e seguintes, Anápolis se constituiu no pólo atacadista do interior brasileiro. Paralelo à isso, acontecem a construção de Goiânia e Brasília, para as quais, auxiliou como principal ponto de abastecimento, tendo como protagonista o Mercado Municipal Carlos de Pina construído em 1951, afim de abrigar, organizar e comercializar o hortifrutigranjeiro da cidade. O M.M.C.P foi tombado pela Câmara Municipal de Anápolis em 10 de Julho de 1984, através da Lei Municipal n ° 025 de 30 de Novembro de 1937, passando assim a fazer parte do Patrimônio Histórico Municipal.

Construído para abrigar açougues e armazéns, proposto a ser uma feira fechada, com bancas de ervas medicinais e hortifrutigrajeiros, ainda mantém seus usos originais mas perdem predominância para lanchonetes, restaurantes e vestuário. É marcado pelo estilo Art Decó com traços evidentes na ornamentação das fachadas com o escalonamento das platibandas e a utilização de tons pastéis na cor do edifício. Seu volume é constituído por dois semicírculos seguidos por paredes retas, ocorrendo nas duas fachadas. As paredes externas são de alvenaria autoportante compostas por tijolos cozidos, com acabamento de reboco pintado de amarelo pastel e os contornos e detalhes são de verde.



[f.36]



LEGENDAS:
 [f.35] Mercado Municipal e sua estrutura preexistente de treliças de madeira junto à cobertura escura, com furos e com pouca iluminação. Fonte: Autorial, 2019.

[f.36] Mercado Municipal Carlos de Pina na década de 1950. Fonte: Museu Histórico Alderico Borges.

[f.37] Banca de verduras e seu layout, do Mercado Municipal. Fonte: Autorial, 2019.

[f.38] Acesso leste, R. General Joaquim Inácio e apropriações. Fonte: Autorial, 2019.

[f.39] Um dos corredores estreitos do Mercado Municipal, não adequado às normas de acessibilidade. Fonte: Autorial, 2019.

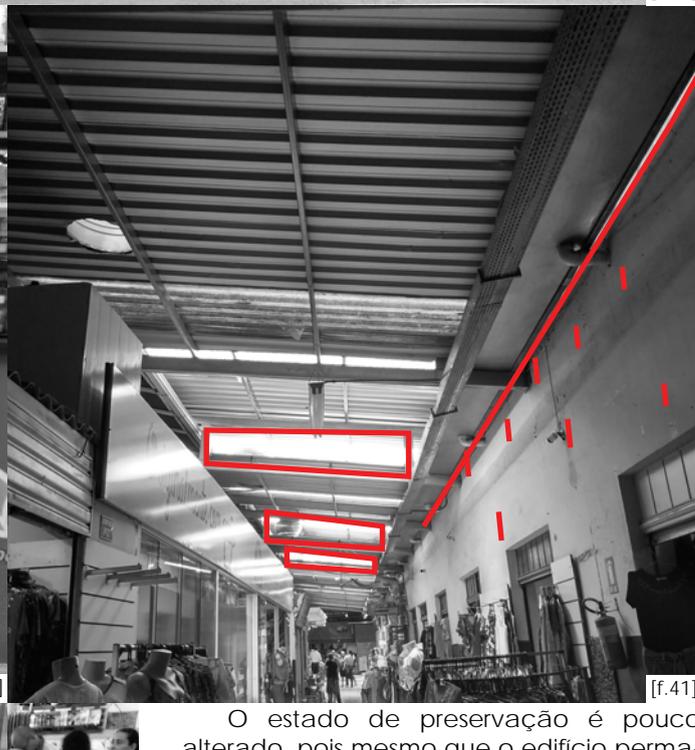
[f.40] Banca sendo construída com alvenaria, causando tumulto, sujeira e flexibilidade de layout engessada. Fonte: Autorial, 2019.

[f.41] Corredor periférico do Mercado Municipal e sua cobertura com aberturas para ventilação e calha de tamanho insuficiente provocando goteiras e infiltração. Fonte: Autorial, 2019.

[f.38]



[f.39]

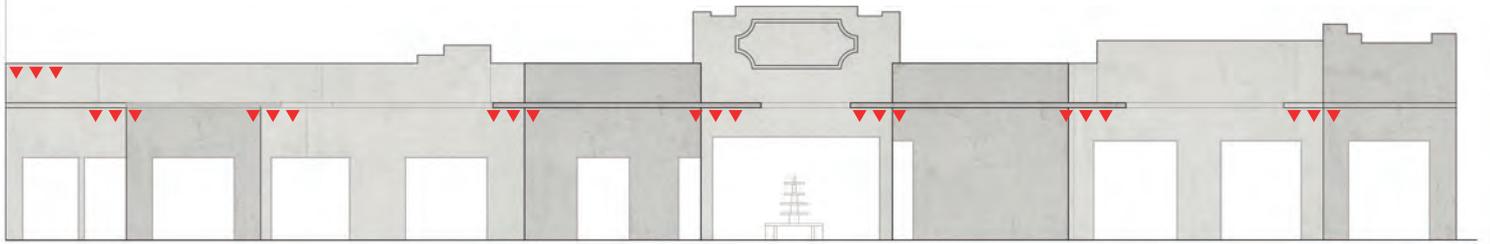


[f.41]

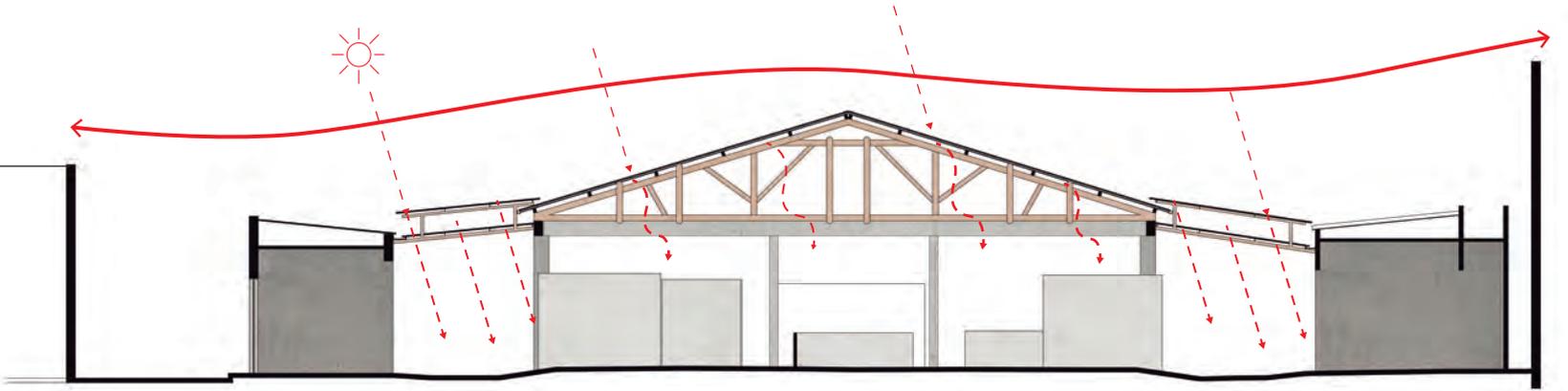


[f.40]

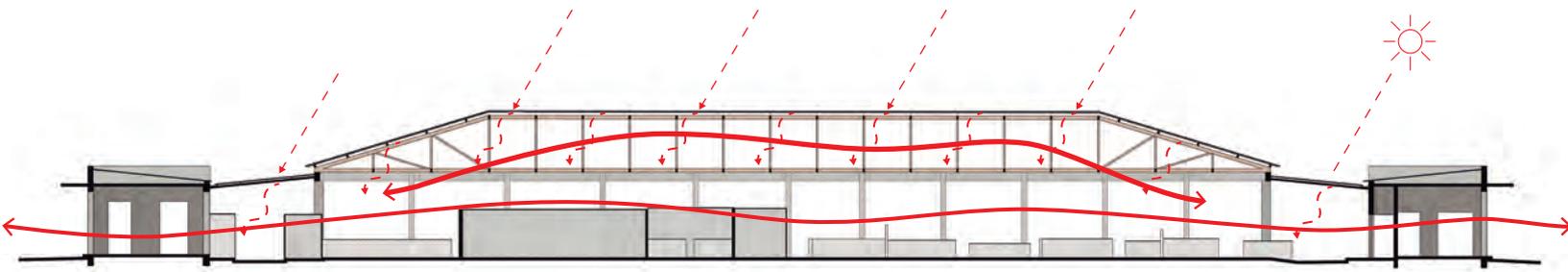
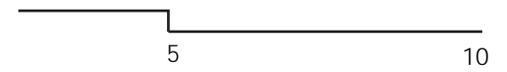
O estado de preservação é pouco alterado, pois mesmo que o edifício permaneça com seu caráter original, passou por algumas reformas e adaptações, como a alteração da cobertura do galpão central, anterior de telha francesa, substituído por telhas ecológicas que se encontram no término de sua validade, gerando furos e goteiras além de não solucionar o problema grave de iluminação do M.M.C.P. Foi adicionada uma cobertura metálica nos corredores que antes eram abertos às intempéries. Assentou-se o piso cerâmico, antes de cimento, mas que assume uma forma irregular e heterogênea devido ao descontrole de sobreposições pelos próprios permissionários (que também se reflete nas paredes internas), gerando desníveis.



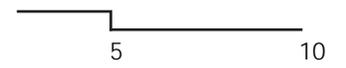
Danos fachada leste



Corte transversal situação atual



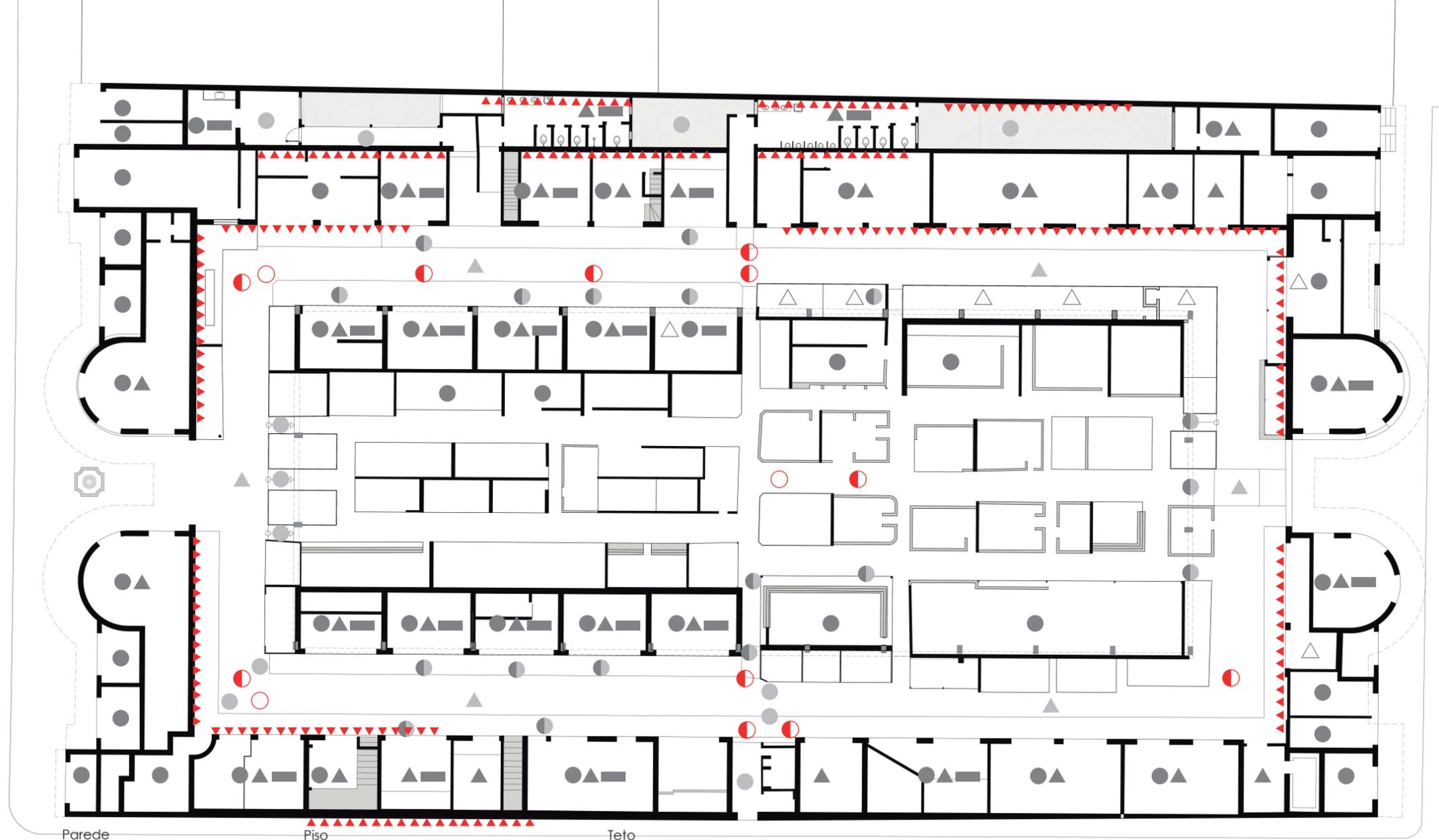
Corte longitudinal situação atual



O M.M.C.P. se insere num contexto onde as características do clima quente e seco ou quente e úmido, são acentuadas pela densidade do entorno, bem como a falta de arborização e pelo tráfego intenso. Localizado num quarteirão densamente ocupado, atravessa a quadra perpendicularmente de um lado a outro, cercado por uma grande quantidade de edifícios do mesmo gabarito, se dispõe quase exatamente na direção leste-oeste, praticamente colado ao edifício que ladeia, não favorecendo a captação de ventos úmidos vindos da direção norte-sul, conseguindo acolher apenas os ventos Leste, secos e mais constantes.

O arranjo de suas bancas é consequência da sua circulação que se divide em duas, uma periférica e mais fluída e as internas, no centro, que geram um layout de bancas com alturas de 1,00m a 3,00m, as mais baixas se colocam ao meio e se somam ao eixo dos acessos principais do M.M.C.P. permitindo uma ventilação cruzada que atravessa toda sua extensão, mas por possuir, de fato, apenas duas grandes aberturas, que são os acessos, seu fluxo de ar fica comprometido, pois, num edifício dessa natureza, a mistura de cheiros que é uma identidade, se mal administrada passa a ser ponto negativo para o conforto interno. Isso se reflete nos açougues, que não seguem uma setorização devido à má distribuição de equipamentos como as câmaras frias, que aliado à limitada taxa de fluxos e movimentação de ar, trazem incomodo aos usuários.

Grande parte do seu desempenho térmico se dá em função da inércia térmica de sua "casca" que também serve de invólucro para proteção da grande quantidade de ruídos externos, sendo uma vantagem na nossa região com predominância de clima seco e grande amplitude térmica, onde as variações da temperatura ao longo do dia são maiores. É notável essa influência termo reguladora, mas em contrapartida um dos maiores problemas de desempenho se devem ao insuficiente controle solar vindo de sua cobertura, onde o sol incide o dia todo. Constituída por telhas de fibropapelão escuras, não conseguem refletir radiação solar suficiente, que se somam à alta condutividade térmica da cobertura metálica dos corredores, proporcionando grandes ganhos de calor interno.



Planta de danos

5 10

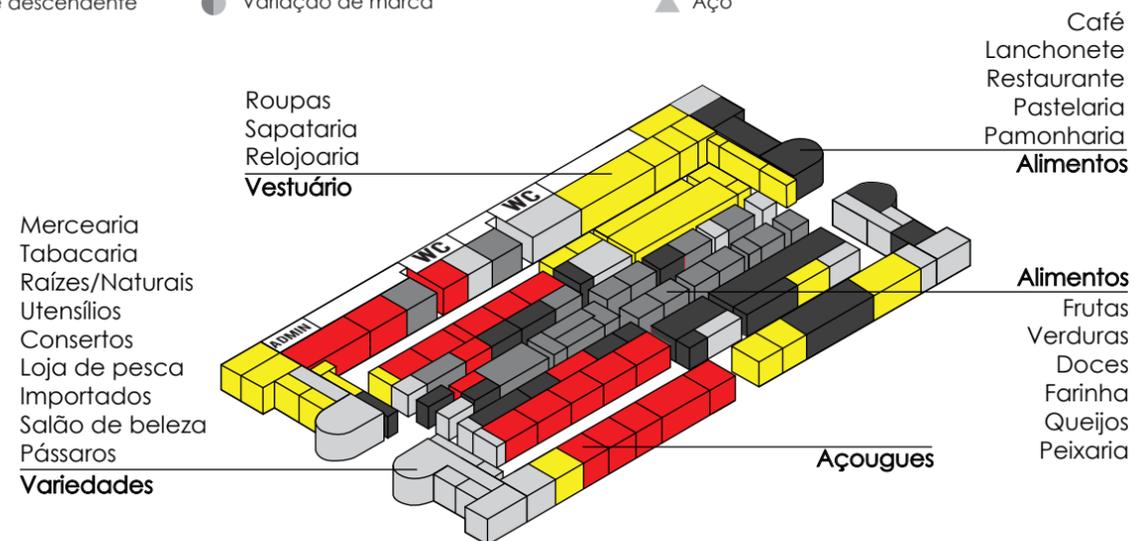
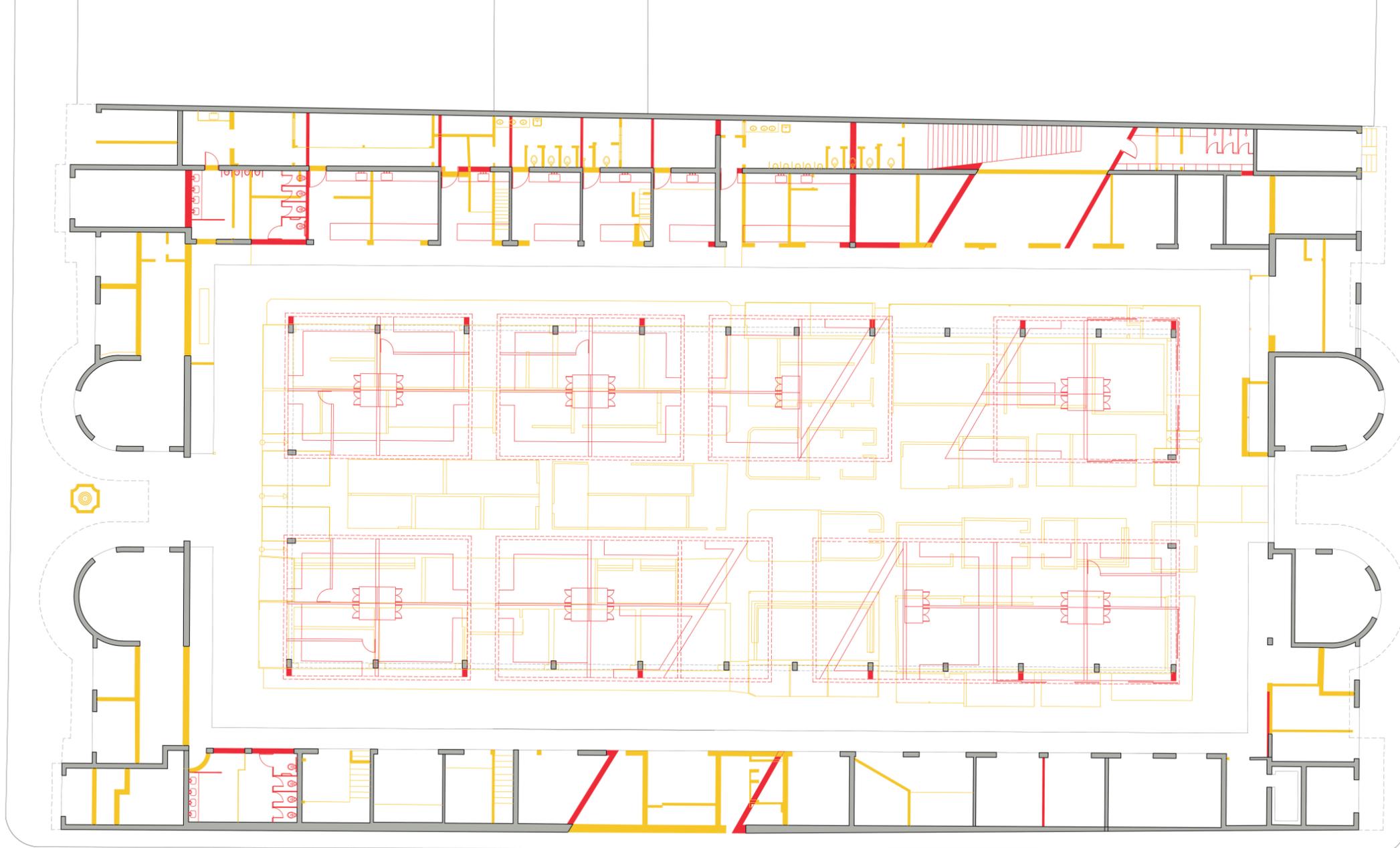
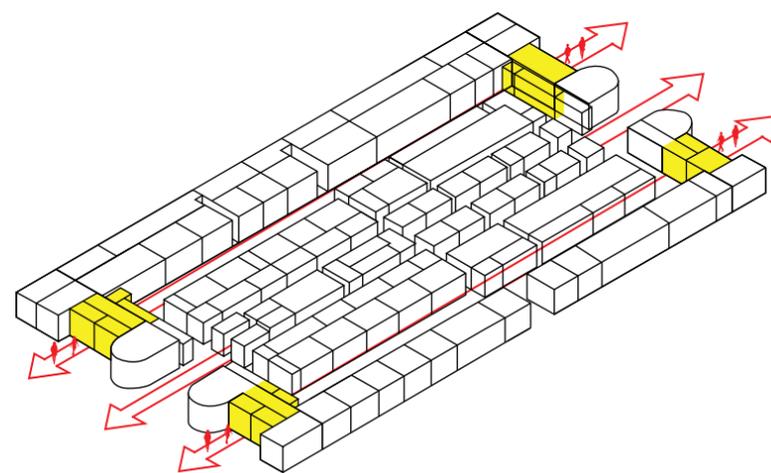


Diagrama do programa preexistente

Os problemas de conforto interno aliado ao seu programa, que oferece pouca permanência, e se distribui em "nuvens", com um layout sem ordenamento e muito variável, gera percursos confusos e conflituosos, nos quais cadeirantes, pessoas com mobilidade reduzida e deficientes visuais encontram dificuldades de se locomover. Há também a falta de um espaço suficiente e adequado para o setor administrativo e de serviços.



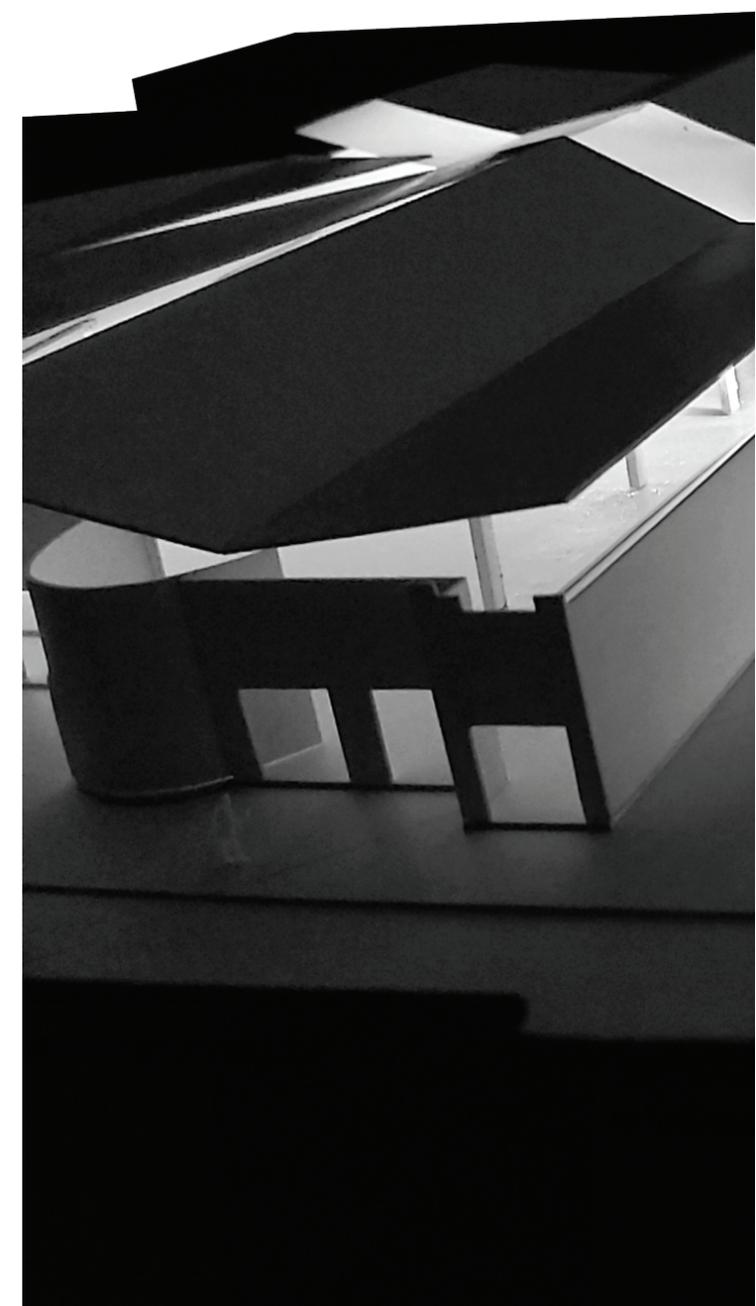
O mercado se abre para a cidade. A demolição das alvenarias, configura um novo espaço permeável, engajando a atividade urbana, gerando novos acessos, que se juntam aos seus corredores periféricos, estreitando a relação rua e mercado, que também passa a acolher uma fluída ventilação cruzada. Sua nova configuração interna, proporciona mais flexibilidade, além de assumir os eixos das suas alvenarias pre-existentes.

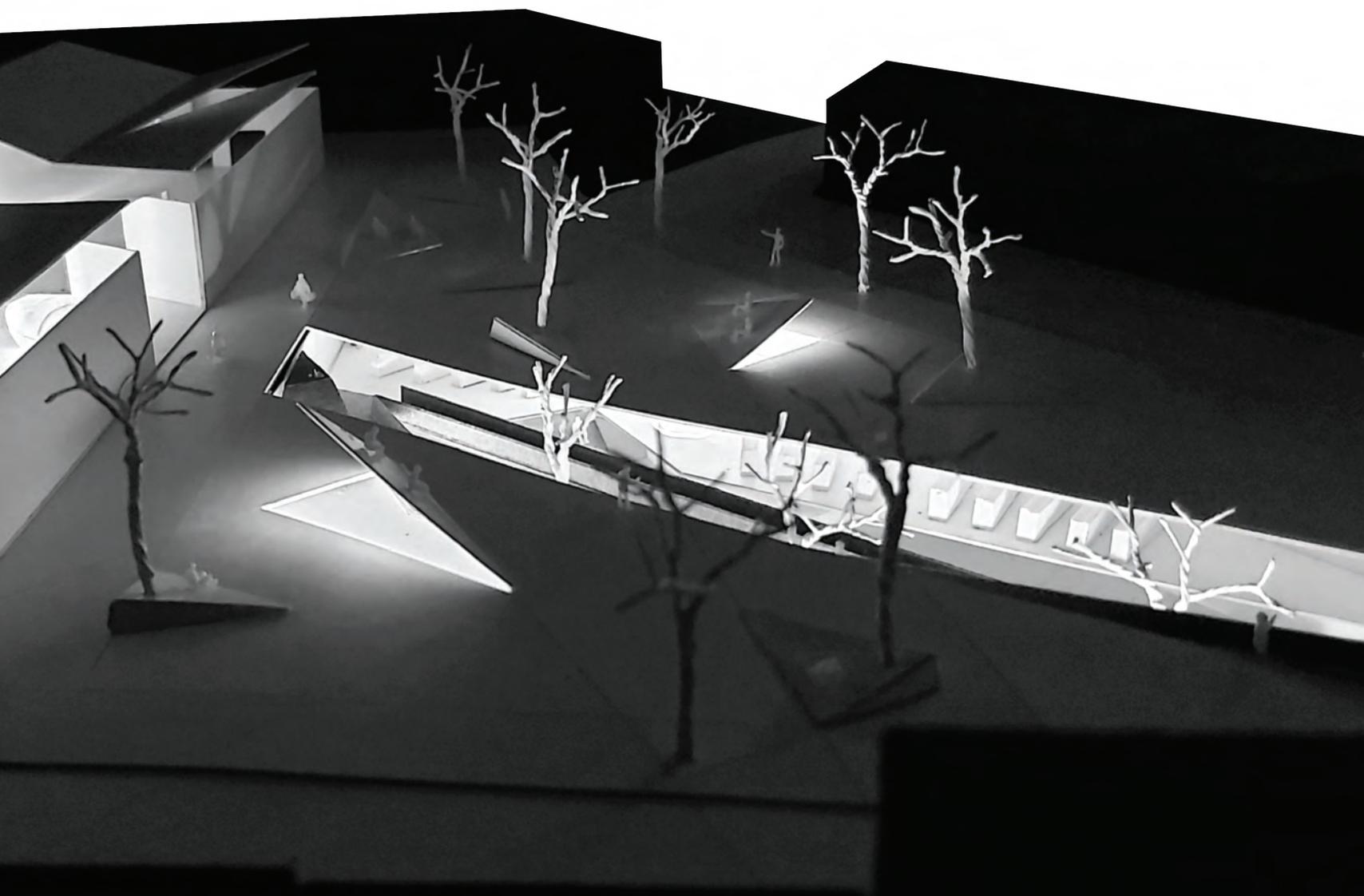


Planta demolir e construir



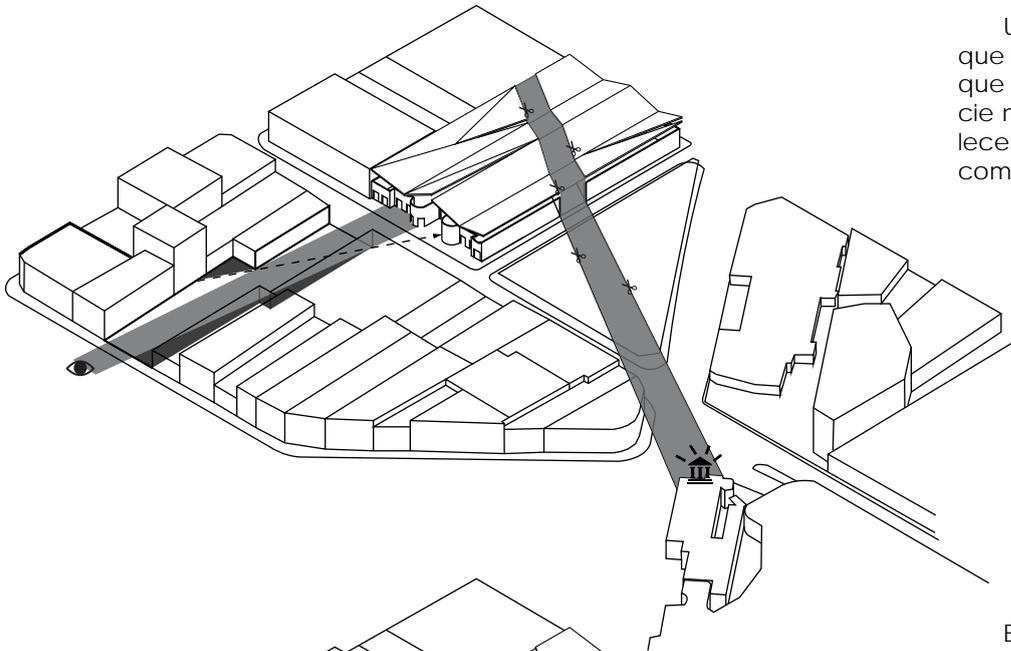
- A demolir
- A construir
- Existente



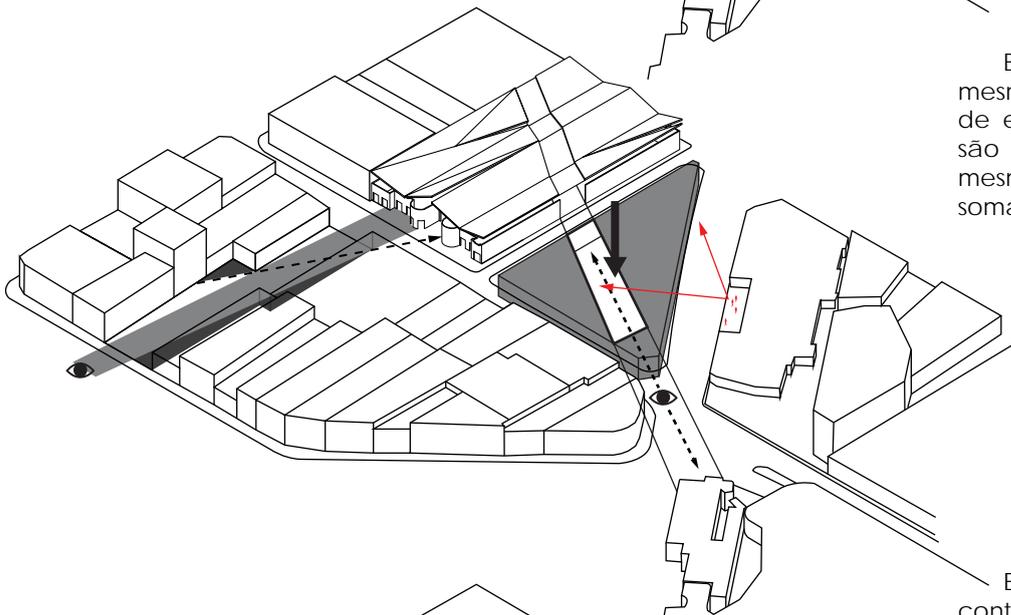


CONTINUIDADE CENTRALIDADE

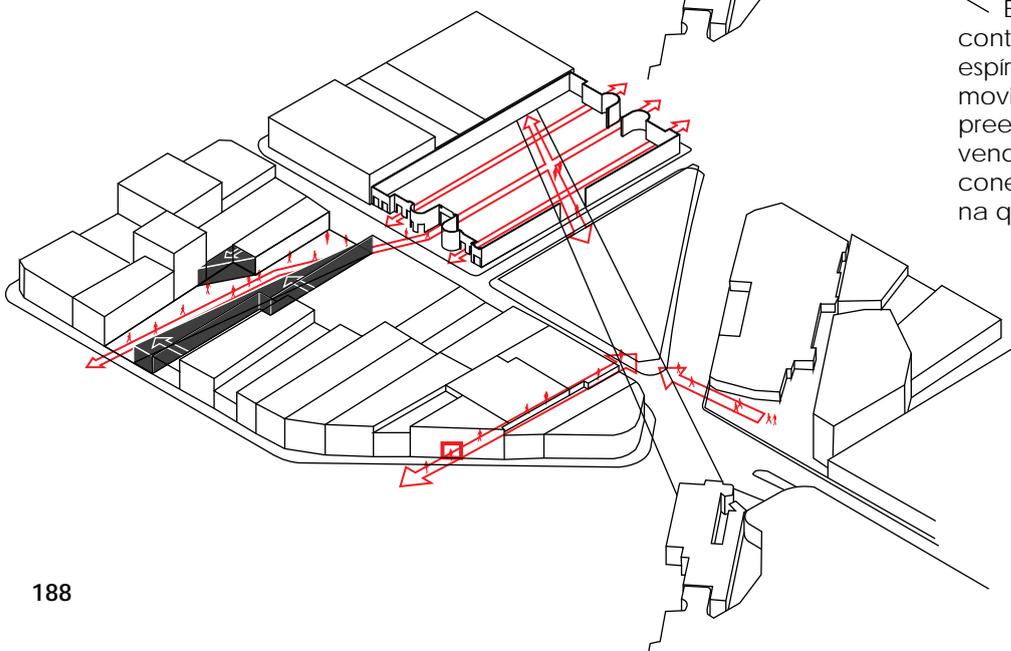
Uma releitura da rota de mercadorias que abasteciam o mercado. Novos eventos que fazem com que o mercado se evidencie naturalmente no contexto, se reestabelecendo, assumindo e se potencializando como centralidade.



Biblioteca e Mercado possuem a mesma essência como espaço de trocas e de encontro. Praça, mercado, biblioteca, são sucessões, desdobramentos de um mesmo plano, se complementam, numa soma de acontecimentos.

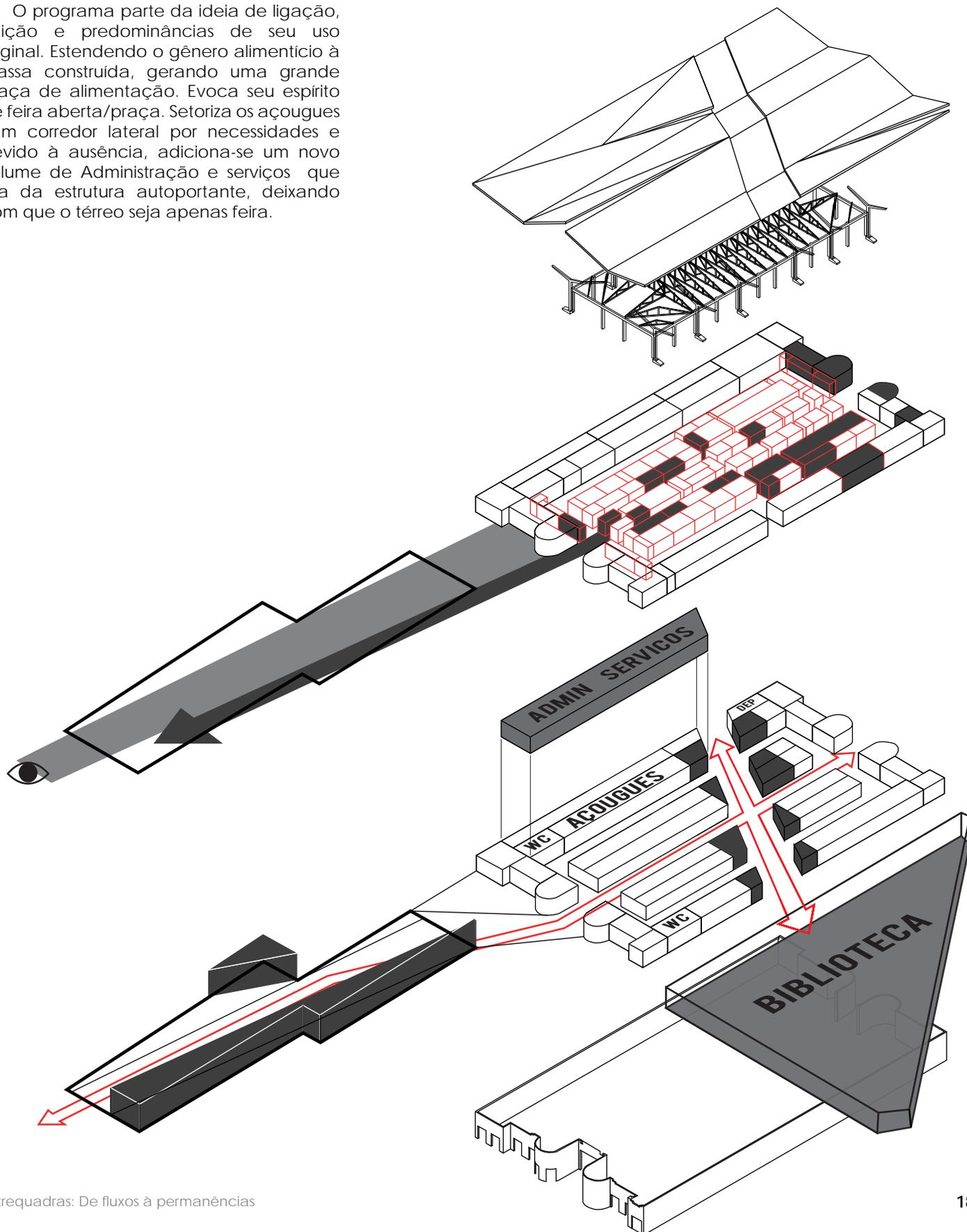


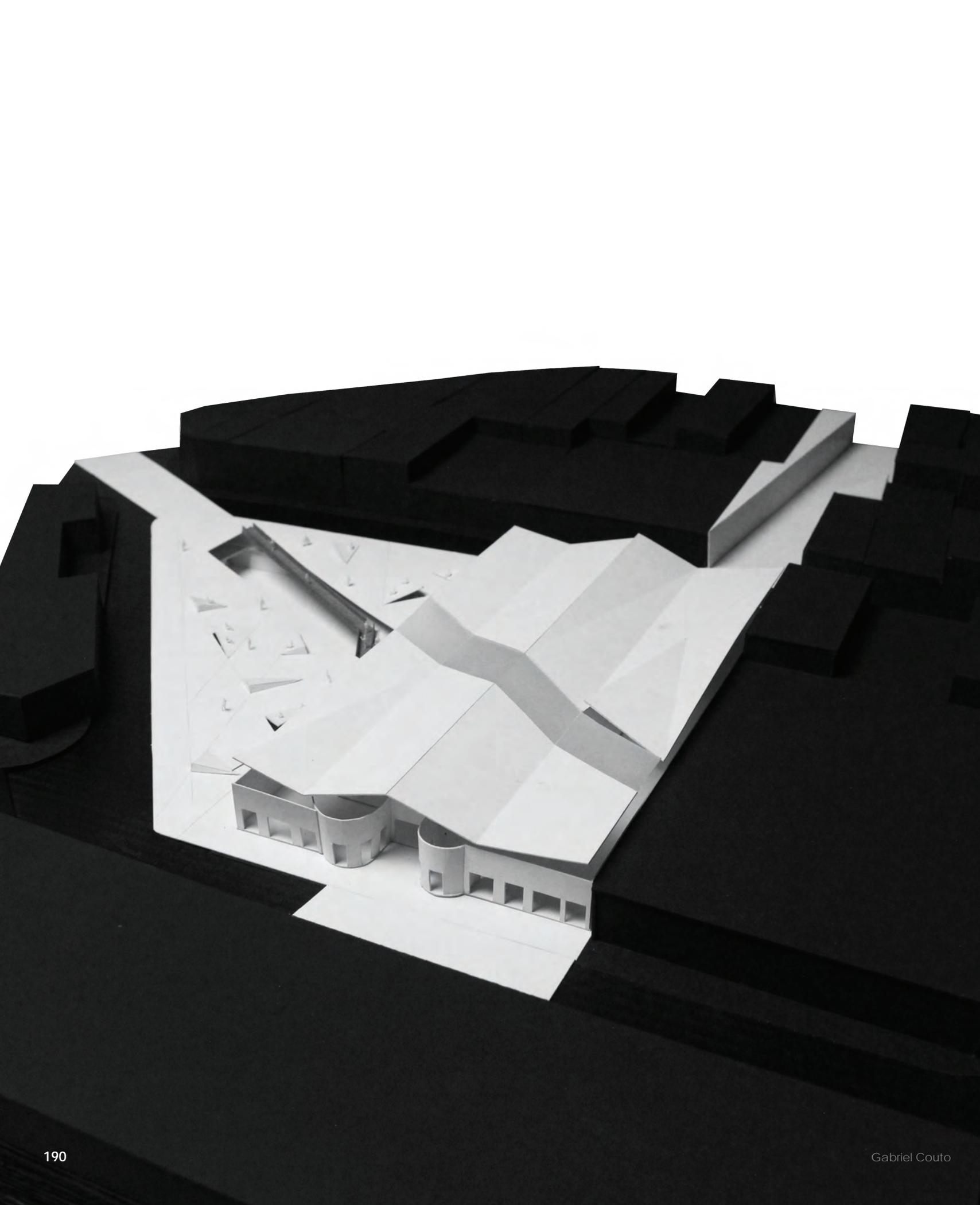
Edifício e rua se confundem, se insere no contexto, ao mesmo tempo que evoca o espírito de praça de um Mercado. Usa do movimento, estabelecendo conexões entre preexistências e contexto urbano. Promovendo continuidades, variados tipos de conexões pedonais agindo em dois níveis, na quadra e no solo.



PROGRAMA

O programa parte da ideia de ligação, fruição e predominâncias de seu uso original. Estendendo o gênero alimentício à massa construída, gerando uma grande praça de alimentação. Evoca seu espírito de feira aberta/prança. Setoriza os açougues num corredor lateral por necessidades e devido à ausência, adiciona-se um novo volume de Administração e serviços que usa da estrutura autoportante, deixando com que o térreo seja apenas feira.



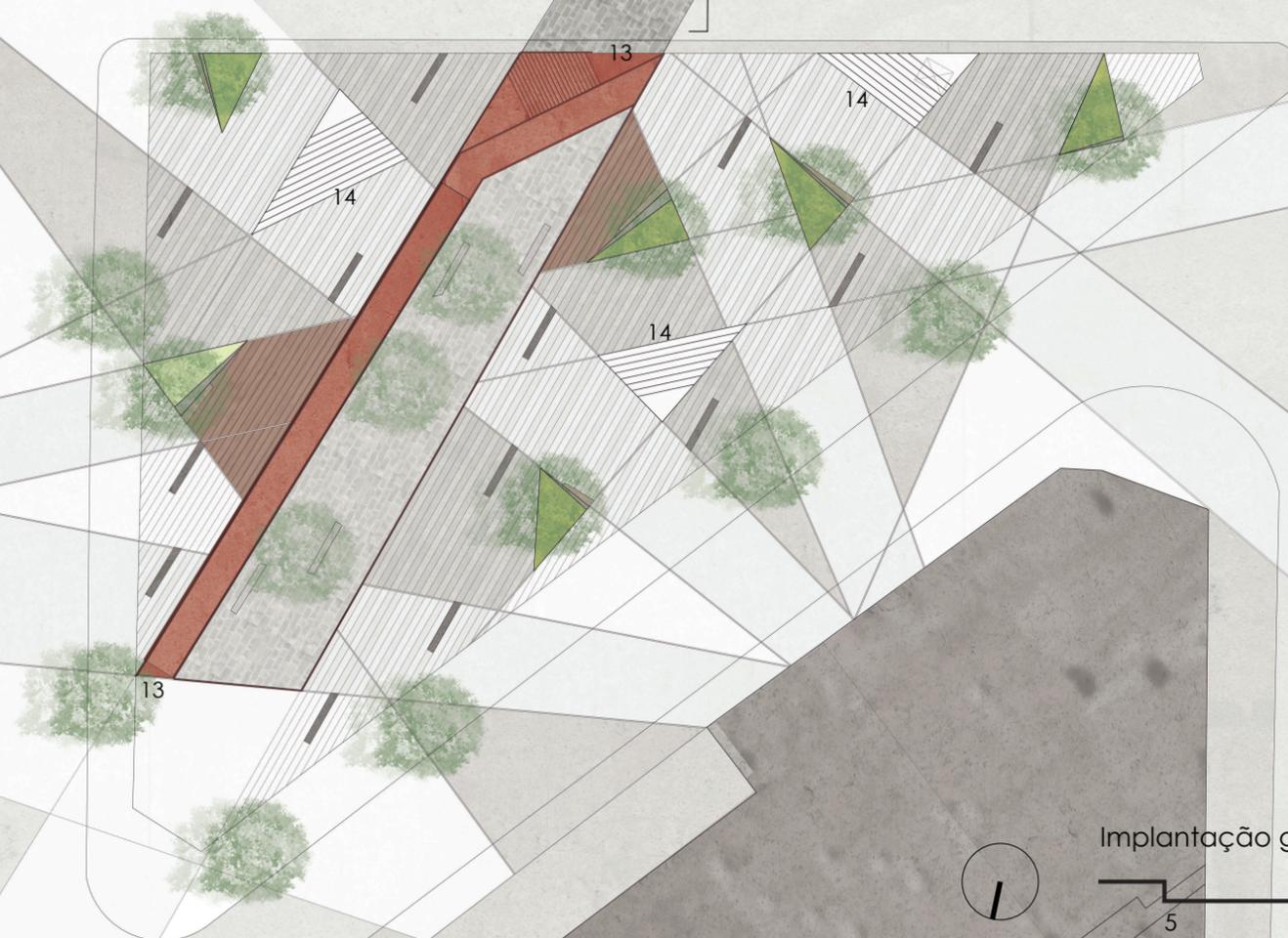
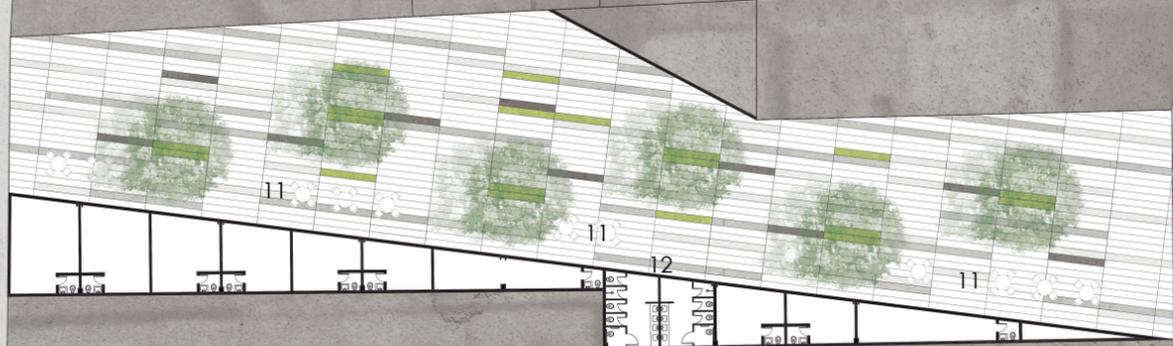


- 1. Acesso Mercado Municipal
- 2. Açougues
- 3. Câmara fria
- 4. Casa de máquinas
- 5. Praça de alimentação
- 6. Bancas lanchonetes / restaurantes
- 7. Bancas flexíveis
- 8. Sanitário
- 9. Acesso 2º pavto
- 10. Depósito / vestiário

- 11. Praça de alimentação Anexo quadra
- 12. Sanitários

- 13. Acesso Biblioteca
- 14. Arquibancadas

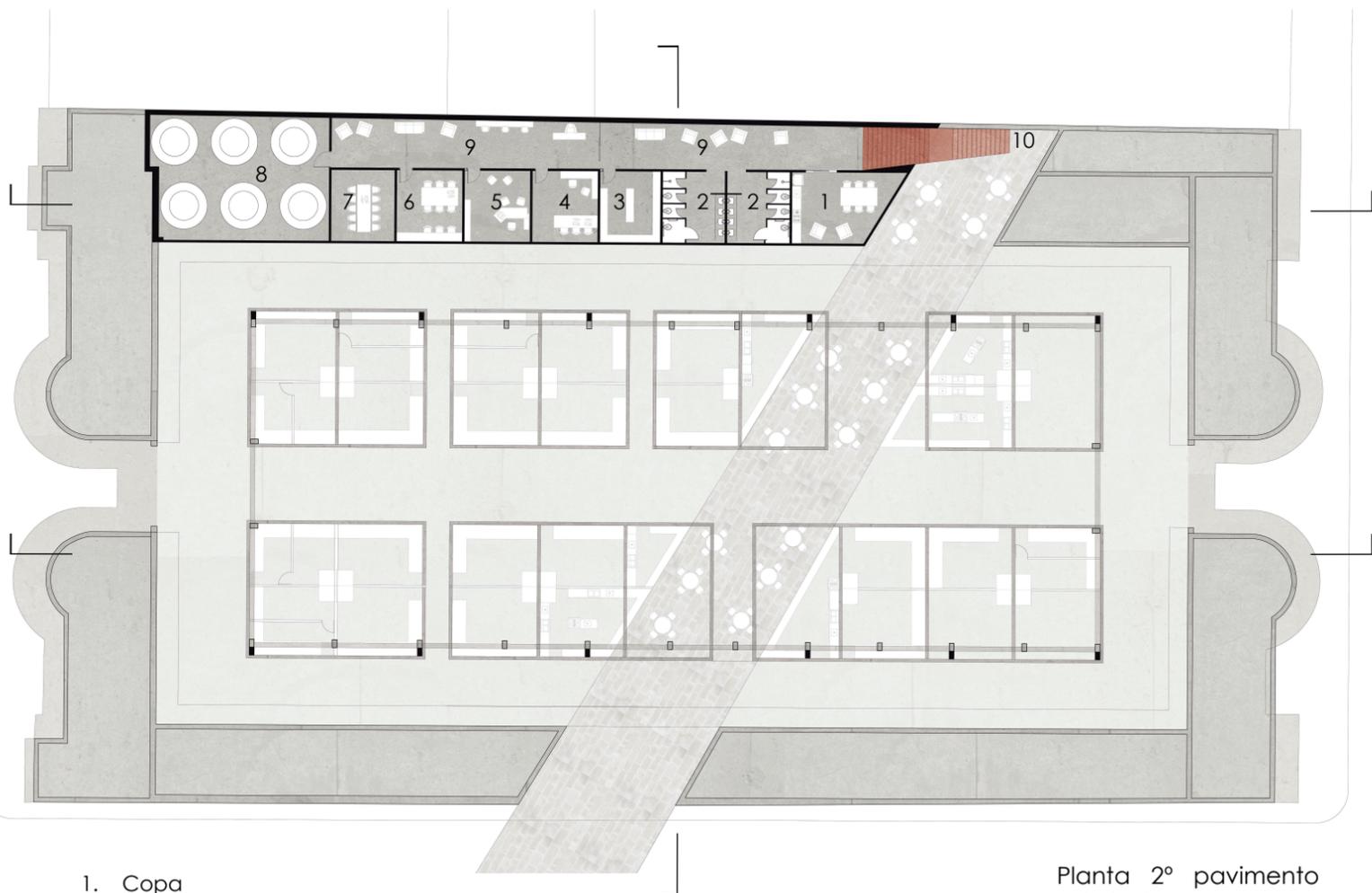
- 15. Acesso Galeria Brasil
- 16. Galpões



Implantação geral

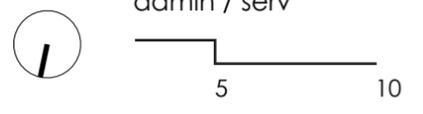


5 10 20

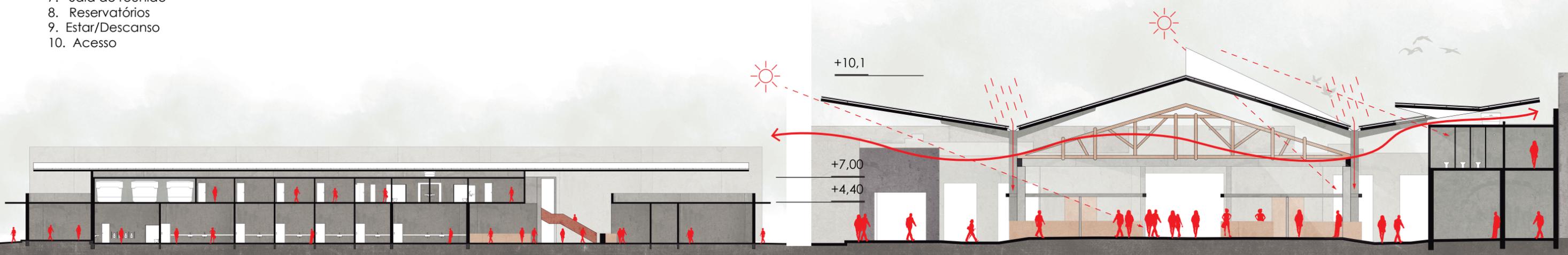
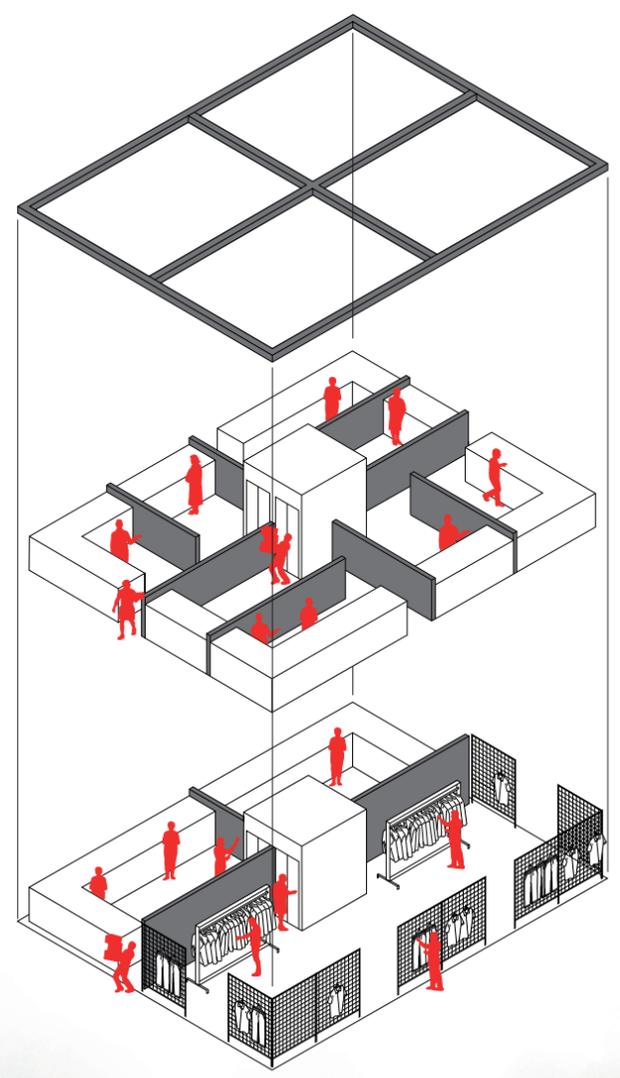


- 1. Copa
- 2. Sanitários
- 3. DML
- 4. Tesouraria
- 5. Diretoria
- 6. Administração
- 7. Sala de reunião
- 8. Reservatórios
- 9. Estar/Descanso
- 10. Acesso

Planta 2º pavimento
admin / serv



O caráter dinâmico do Mercado Municipal é assumido no seu novo arranjo de bancas, dispostas a oferecer flexibilidade, com suas divisórias em drywall e uma parede hidráulica, permitindo variações de layout com facilidade de execução. Módulos que se dividem conforme a demanda do uso. Os menores, respeitando médias das metragens mínimas já existentes de 10m². Sua estrutura de aço tubular se apoia num "armário estrutural" de aço, revestido com madeira plástica, e embute sistemas elétrico e de iluminação, e o hidráulico, vindo da nova estrutura que a ladeia.



Corte longitudinal

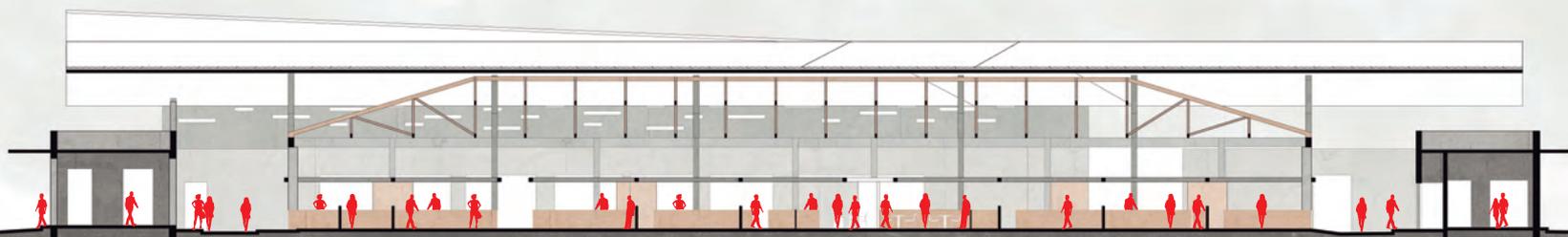
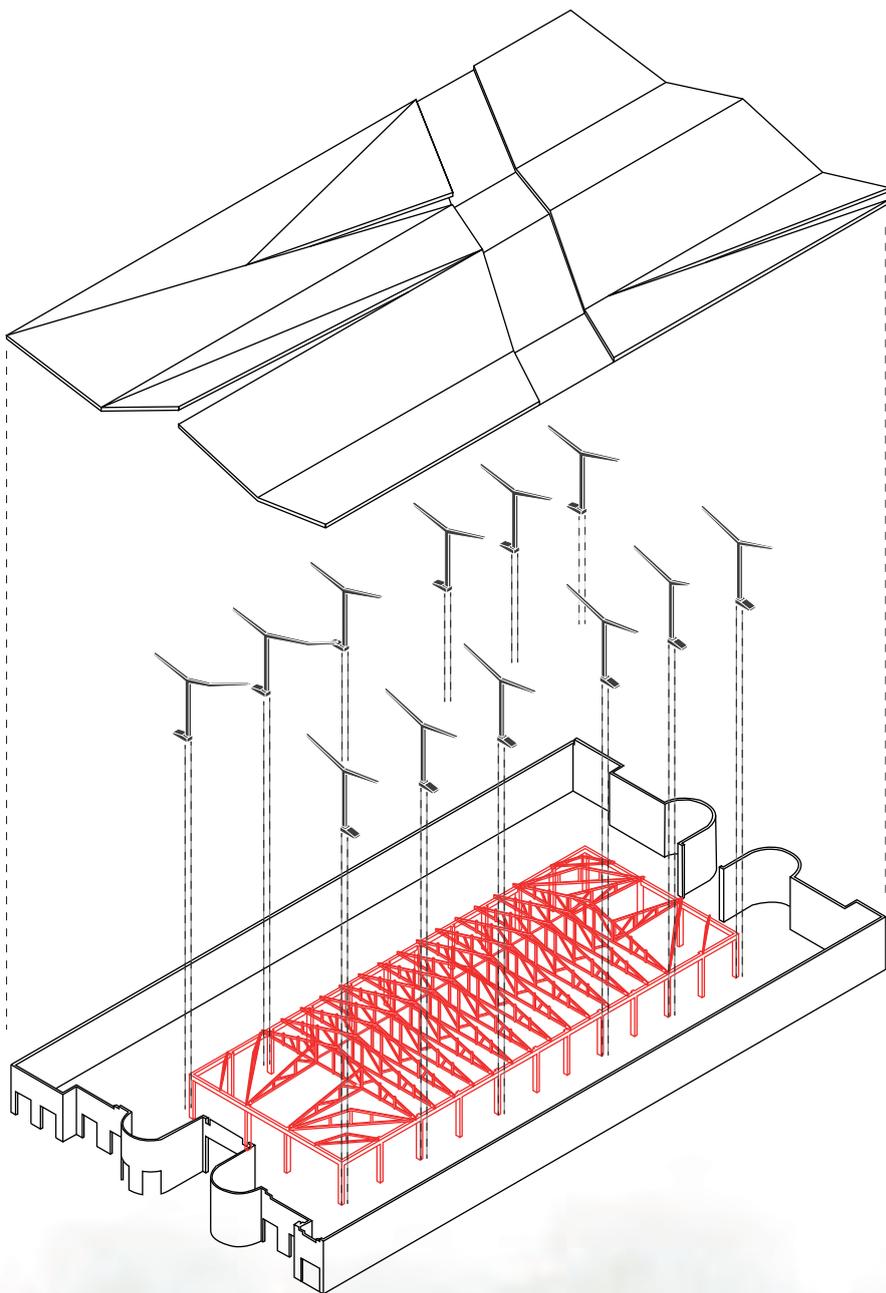


Corte transversal



ESTRUTURA

A estrutura da preexistência é composta por vigas e pilares de concreto. A fundação é rasa, do tipo sapata corrida. Suas paredes internas são de alvenaria autoperante compostas por tijolos cozidos. A intervenção surge das problemáticas de escoamento de água do Mercado, que possui calhas limitadas, aliado a necessidade de preservação de sua estrutura de madeira. A nova cobertura se dobra afim de distribuir melhor o escoamento, e se apoia em uma nova estrutura independente que aproveita do arranjo estrutural preexistente, embutindo descidas pluviais, se fundindo, ao mesmo tempo que se impõe. Acontece em vãos de no máximo 10m, sendo metálica e de geometria que se adapta à cobertura.



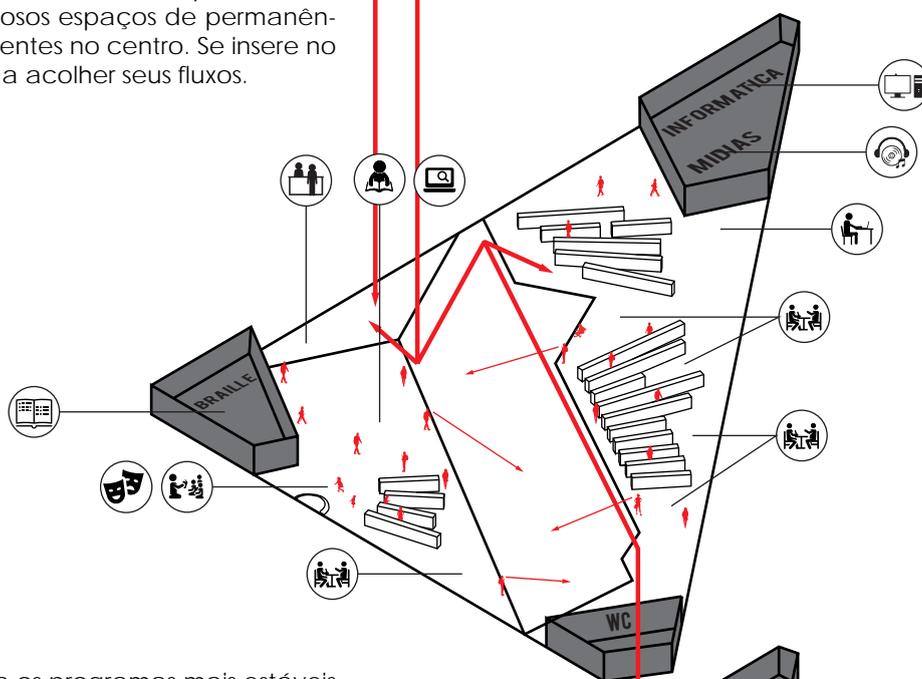
Corte longitudinal







A biblioteca se organiza de modo a oferecer flexibilidade e adaptabilidade, gerando generosos espaços de permanências, quase ausentes no centro. Se insere no lugar de modo a acolher seus fluxos.



Se amontoa os programas mais estáveis periféricamente deixando com que a biblioteca evoque seu espírito de lugar de convívio e multiplicidades.

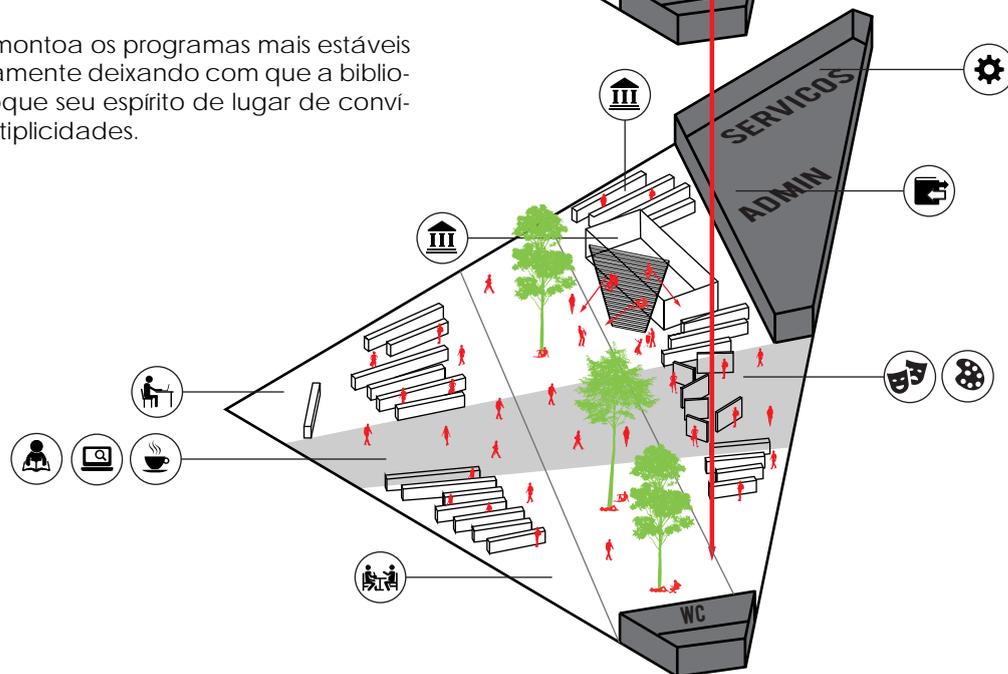
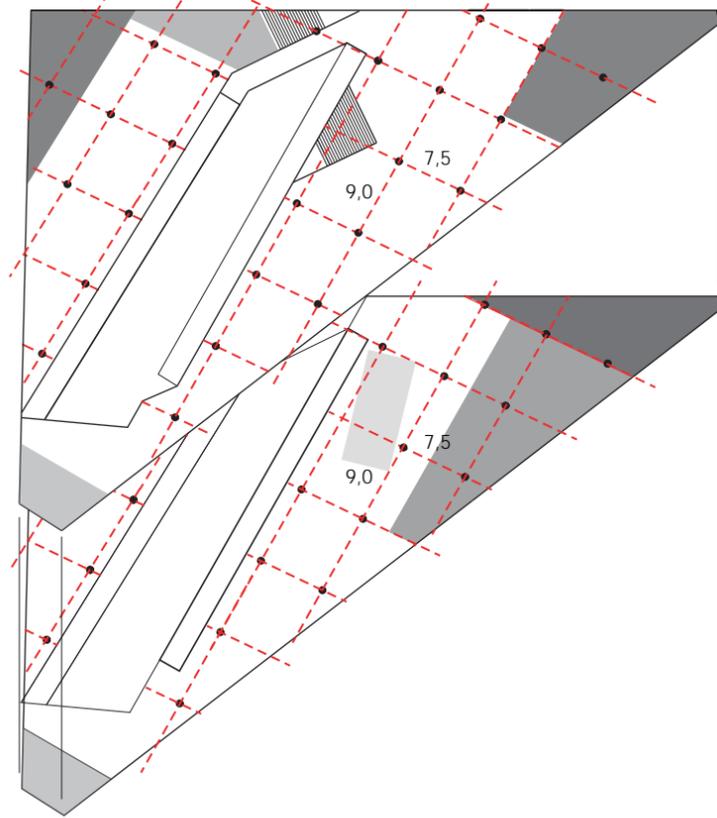
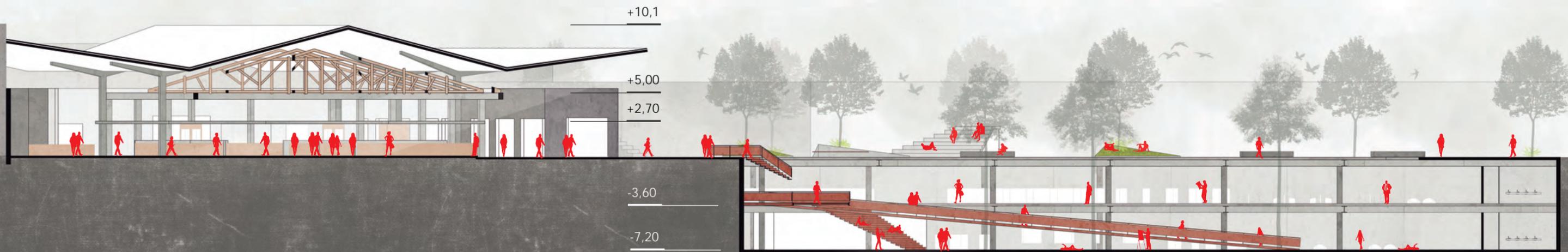


Diagrama da estrutura



1. Recepção/Acesso/Guarda Vol.
2. Braile
3. Estar/Leitura
4. Gibiteca
5. Estudo Coletivo
6. Acervo Periódico
7. Estudo Individual
8. Sala Informática
9. Multimídia
10. Sanitário
11. Elevador serviços

Planta subsolo I



Corte longitudinal



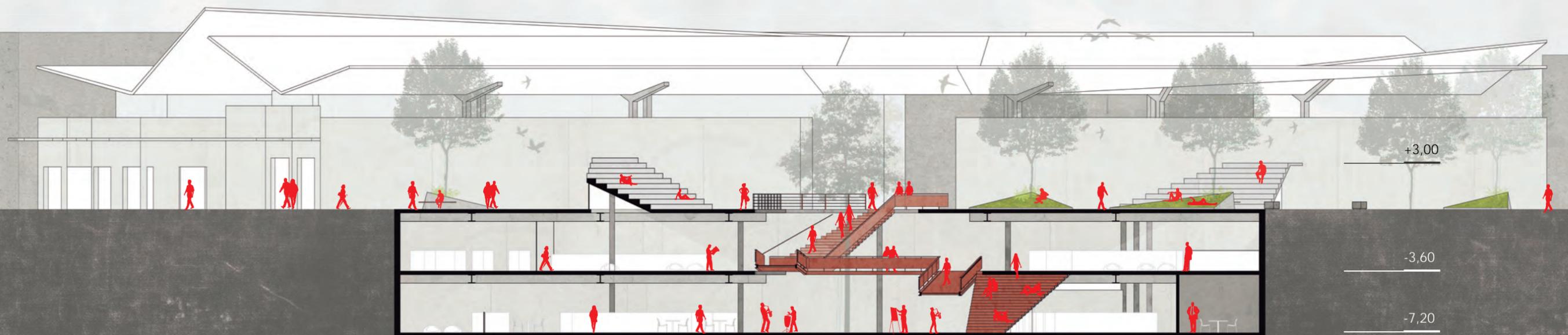


- 1. Recepção
- 2. Proces. Téc/Catálogo
- 3. Seleção/Descarte
- 4. Copa/Estar
- 5. Diretoria
- 6. Secretaria
- 7. Arquivo
- 8. Bibliotecária
- 9. Restauro
- 10. Sanitários
- 11. Almoarifado
- 12. Reunião

- 1. Estudo Coletivo
- 2. Estudo Individual
- 3. Acervo
- 4. Acervo Obras Raras/Referenciais
- 5. Acervo Anápolis/Mercado
- 6. Espaço flexível/Exposição
- 7. Leitura/Alimentação
- 8. Sanitário

- 1. Acesso Serviços
- 2. Depósito
- 3. Copa/Estar
- 4. Vestiários
- 5. DML
- 6. Almoarifado

Planta subsolo II

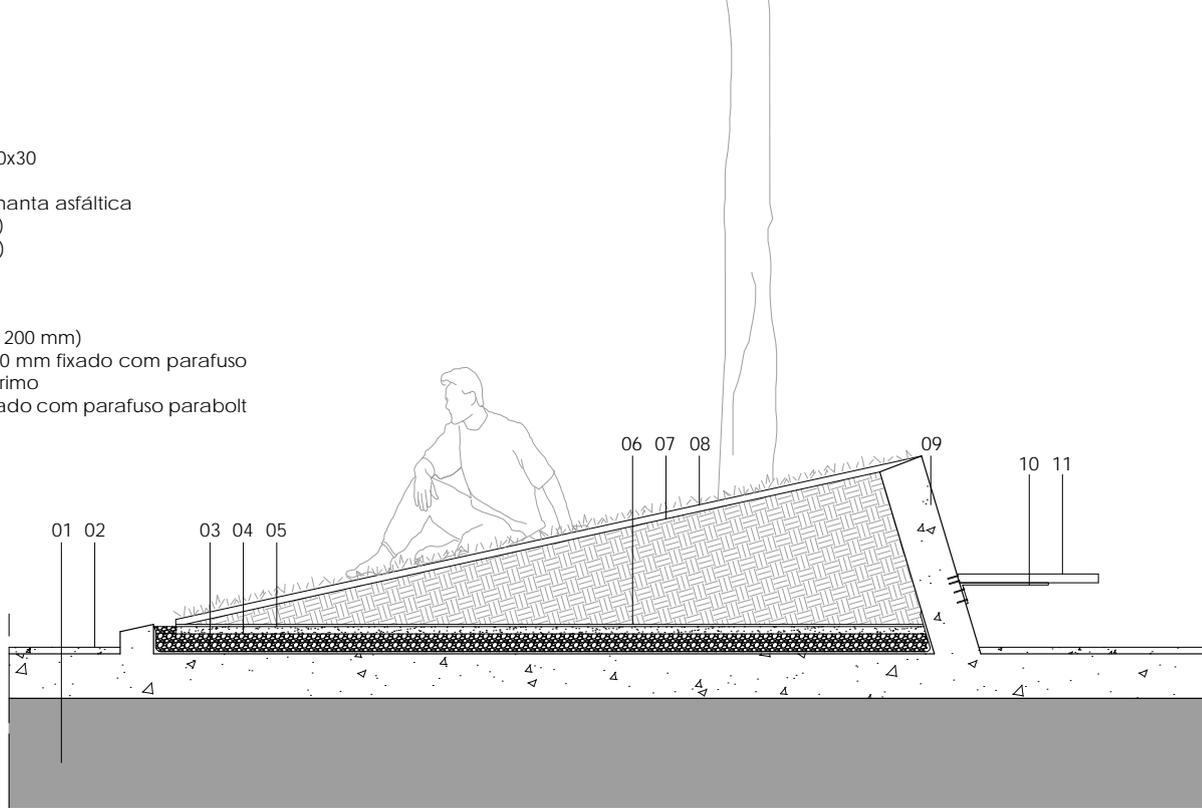


Corte transversal

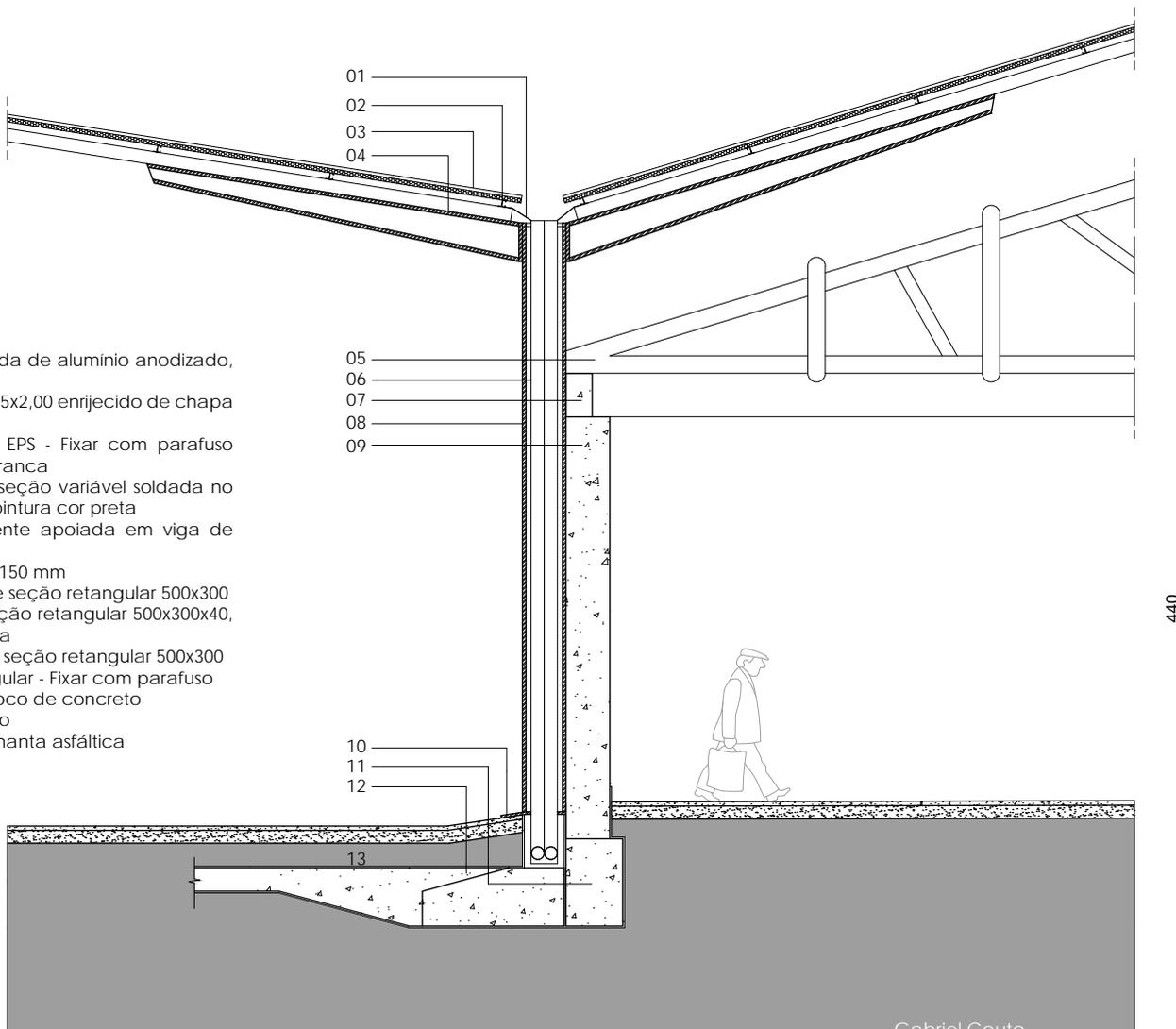




- 01. Viga de aço seção "I" 400x500x30
- 02. Laje de concreto 200 mm
- 03. Impermeabilização - Aplicar manta asfáltica
- 04. Camada de brita (h = 80 mm)
- 05. Camada de areia (h = 35 mm)
- 06. Manta geodésica 10 mm
- 07. Preenchimento de terra
- 08. Grama São Carlos
- 09. Arrimo/encosto do banco (e= 200 mm)
- 10. Chapa de aço galvanizado 10 mm fixado com parafuso parabolit chumbador 3/8x3 em arrimo
- 11. Banco de madeira plástica fixado com parafuso parabolit chumbador 3/8x3 em arrimo



- 01. Calha central tipo água furtada de alumínio anodizado, cor branca
- 02. Terça metálica Perfil U 75x40x15x2,00 enrijecido de chapa dobrada de aço galvanizado
- 03. Telha termoacústica 50 mm EPS - Fixar com parafuso autoperfurante ¼ - 14x7/8", cor branca
- 04. Viga lateral perfil tubular de seção variável soldada no pilar principal, acabamento em pintura cor preta
- 05. Treliça de madeira preexistente apoiada em viga de concreto
- 06. Tubos de queda de água $\varnothing = 150$ mm
- 07. Viga de concreto preexistente seção retangular 500x300
- 08. Pilar metálico perfil tubular seção retangular 500x300x40, acabamento em pintura cor preta
- 09. Pilar de concreto preexistente seção retangular 500x300
- 10. Arremate do pilar base retangular - Fixar com parafuso
- 11. Fundação preexistente em bloco de concreto
- 12. Sapata alavanca em concreto
- 13. Impermeabilização - Aplicar manta asfáltica











REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

BIONDILLO, Rosana. **Walter Benjamin e os caminhos do flâneur**. Dissertação de mestrado, Unifesp, São Paulo, 2014.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano. Novos Escritos Sobre a Cidade**. São Paulo: CONTEXTO, 2004.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora da Unesp: Estação Liberdade, 2006.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Ver a cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

FRANÇA, Maria de Sousa. **A formação histórica da cidade de Anápolis e a sua área de influência regional**. In separata dos anais do VII Simpósio Nacional – ANPUH: Belo Horizonte, 2 a 8 de setembro de 1973.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LACERDA, Norma. **Os valores das estruturas ambientais urbanas**. In: ZANCHETI, S.M.; JOKILEHTO, J (org.). *Gestão do Patrimônio Cultural Integrado*. Recife: CECI- Ed. da Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MACHADO, Hamilton. **Imagens do Comércio Anapolino no Jornal 'o Anápolis' (1930- 1960): a construção da Manchester Goiana**. Goiania: UCG, 2009.

MENEGUELLO, Cristina. **A preservação do patrimônio e o tecido urbano**. Parte 1: A reinterpretção do passado histórico. *Arquitextos*, São Paulo, ano 01, n. 003.05, Vitruvius, ago. 2000 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.003/992>>.

PEREIRA, R. et al. (2011) **O uso da Sintaxe Espacial na Análise do Desempenho do Transporte Urbano: Limites e Potencialidades**. Texto para Discussão 1630. Brasília: IPEA.

POLONIAL, Juscelino Martins. **Anápolis nos tempos da ferrovia**. Anápolis: Associação Educativa Evangélica, 1995.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

SILVEIRA, José Augusto R. **Percursos e processo da evolução urbana: o caso da Avenida Epiácio Pessoa na cidade de João Pessoa – PB**. Tese de doutorado –MDU/UFPE, 2004.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

ZANETTI, Valdir Zonta. **Planos e projetos ausentes: desafios e perspectivas da requalificação das áreas centrais de São Paulo**. Tese (Doutorado) – FAU/USP, São Paulo, 2005.

